

ESPORTE, ESTILO E CULTURA: A REVISTA DA VIDA EM MOVIMENTO

FAROL #101

setembro / outubro / novembro 2024

FÁBRICA DE CAMPEÕES

Talentos que inspiram e reforçam a marca do late como clube formador p. 68



late: um clube
feito pelos seus
sócios p. 34

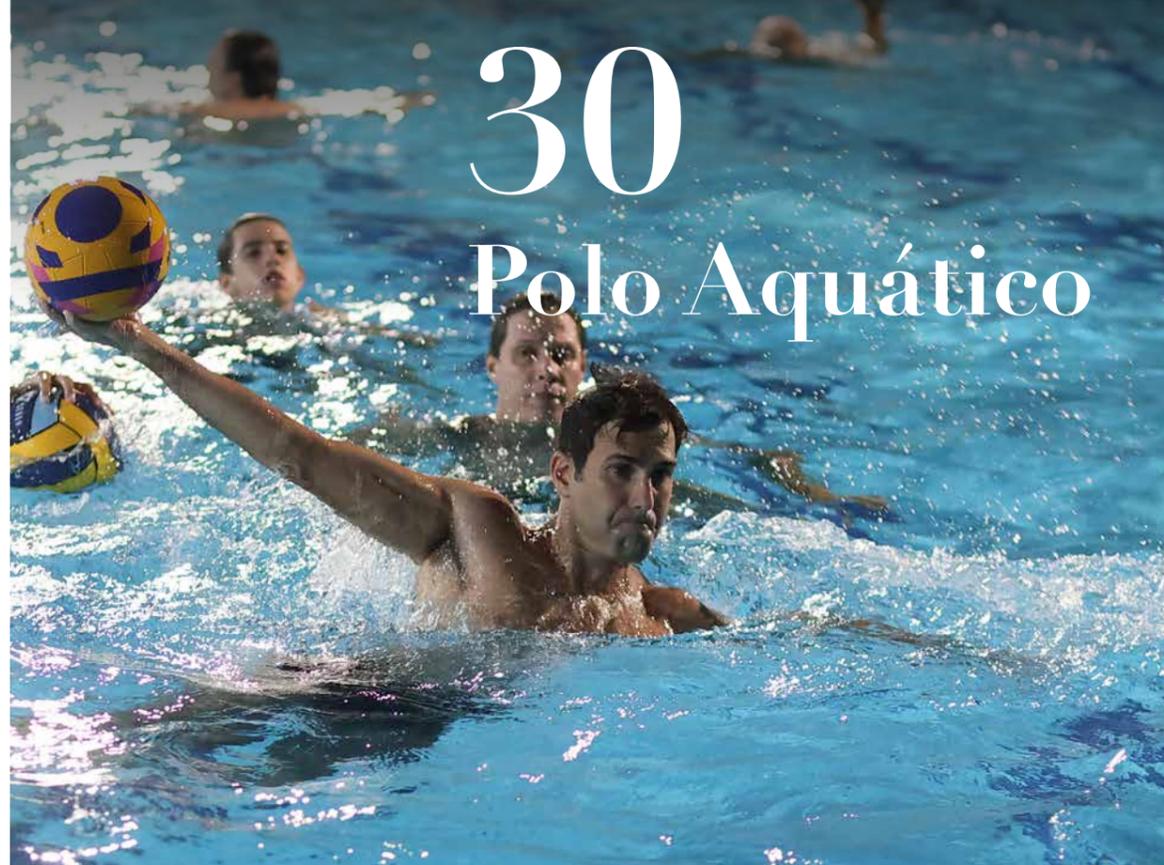
George Raulino.
A história de um
latista ilustre p. 40



CAMPEONATO BRASILEIRO DE
VELA ADAPTADA
15 A 17 DE NOVEMBRO



Piscina do Feijão A história da primeira piscina do Iate	7
Patinação artística Um papo com os técnicos do alto rendimento	12
São elas que dão as cartas O carteadado do Iate está sendo invadido pelas mulheres	18
Velejar, um amor para a vida inteira A história de Celina Marino	22
Lições milenares Os benefícios do Yoga	26
Iate: um clube feito de pessoas Manifestações espontâneas criadas pelos sócios	34
Ciate Um caso de amor e um case de sucesso	54
Iate e a solidariedade O Clube segue criando projetos para ajudar ao próximo	62
50+ motivos Programa incentiva sócios a cuidar da saúde	66
Você sabia? A diferença entre esportista e atleta	76
Uma carta de amor ao Iate Embaixador registra admiração e gratidão aos sócios	78
Churrasqueiras & Cia Uma sessão para dar água na boca	80



30 Polo Aquático



40 George Raulino

Conheça um pouco mais da história de um Iatista ilustre



68

Fábrica de campeões

Jovens atletas inspiram outros e reforçam a marca de clube formador do Iate



82

#IateGram

Reveja os principais eventos do Iate Clube de julho a setembro de 2024

EXPEDIENTE

FAROL

Revista do Iate Clube de Brasília

Comodoro

Luiz André Almeida Reis

Presidente do Conselho Deliberativo

Edison Garcia

Dir. de Comunicação e Marketing

Márcio Cavalcanti de Albuquerque

Gerente responsável

Glen Homer

Jornalista responsável

Larissa Leite (10.790/DF)

Direção de arte

Glen Homer

Diagramação

Leandro Touret

Revisão

Luísa Dantas

Produção de textos

Larissa Leite

Arte da capa

Glen Homer

Fotografias

Mariana Duarte Raphael, Rafael

Camara, Reisy Ruzzi Fotografia,

Gabriela Pires, Larissa Leite, Allan

Godoy, Banco de imagens e Memorial

do Iate Clube de Brasília

Iate Clube de Brasília

SCEN Trecho 2, Conjunto 4

Brasília-DF

(61) 3329-8700

www.iateclubedebrasil.com.br

IATE PARA JOVENS

Iatistas,

O Iate Clube de Brasília, marcado em sua história por promover o acesso e o incentivo à cultura, conecta gerações por meio de eventos que fazem parte do calendário de Brasília. Um dos mais tradicionais da última década é o Iate in Concert, criado durante nossa gestão na Comodoria, hoje consagrado e premiado nacionalmente com o “Oscar dos Clubes”, outorgado em 2016 no Congresso Nacional da Fenaclubes.

Ao lado da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro e de várias marcas patrocinadoras, o Iate tem ampliado a cada ano a arrecadação de alimentos com o apoio dos sócios e dos demais participantes do evento, beneficiando ainda mais famílias necessitadas. Um legado que une a música erudita com a responsabilidade social há 10 anos.

Agora, o Clube inova mais uma vez para atender a uma antiga demanda por eventos direcionados aos sócios mais jovens ou que curtem uma balada típica do verão da costa europeia. Será

uma experiência que promete fazer os corações pulsarem acelerados.

Este ano, o Sunset On Fire traz o melhor da música eletrônica com as DJs Taty Betin e Barbara Brunca. Elas serão acompanhadas de um nome de peso: a violinista finlandesa Elisa Järvelä, atração internacional que volta ao Clube após apresentação no Iate in Concert, em 2023.

A ideia ganhou corpo a partir da inspiração nas famosas pool parties que agitam as badaladas festas de Ibiza, Barcelona e Mallorca, adaptada ao cenário deslumbrante do entardecer à beira do Lago Paranoá. No ano passado, eu presenciei uma dessas festas e senti a vibração e o alto astral que elas proporcionam.

Apostamos, portanto, que esta festividade, proposta pelo Comodoro Luiz André Reis em suas metas da campanha do ano passado, represente o início de um ciclo ainda mais virtuoso para o Iate Clube na área social, com entretenimento de qualidade em um ambiente seguro e respeitoso.



Edison Garcia
Presidente do Conselho Deliberativo

NA RETA PARA O FIM DO ANO

Fazendo uma analogia com uma regata, seria possível dizer que estamos montando a última boia para cruzar a linha de chegada de 2024. Um período em que vencemos desafios importantes e celebramos o fato de seguir fortalecendo a marca do Iate Clube de Brasília para a cidade e, por que não dizer, nacionalmente?

Em agosto, realizamos o primeiro “Iate in Concert” da nossa gestão. Um evento belíssimo, que toca o coração do público que, tenho certeza, cada vez mais se apaixona por esse projeto que fortalece a agenda cultural e prestigia a talentosa Orquestra do Teatro Nacional Cláudio Santoro, comandada pelo maestro Claudio Cohen.

Contamos mais uma vez com o apoio do governo local: o secretário de Cultura, Claudio Abrantes, esteve conosco assistindo de perto o belo espetáculo e com nossos parceiros comerciais, que possibilitaram a realização da nona edição. Notável a apresentação dos cantores Sara Sarres e Saulo Vasconcelos, que nos levaram a sonhar com um passeio magnífico pelos musicais.

A combinação, nascida em 2015 durante a gestão de Edison Garcia, de música com fazer o bem ao próximo, segue envolvendo as pessoas e organizações. Em 2024, o público do “Iate in Concert” passou dos três mil e viabilizou a doação de mais de 23 toneladas de alimentos para diversas entidades que cuidam de pessoas socialmente vulneráveis. Ao longo dos anos, o projeto já passou da marca de 100 toneladas de alimentos destinados ao banco de alimentos do GDF

e outras instituições indicadas pelos nossos patrocinadores.

A boa notícia é que o JK Jazz Festival, que, em sua última edição, recebeu Danilo Caymmi no mês de agosto, deverá entrar para a agenda oficial de eventos do Clube.

Na nossa agenda esportiva, recebemos campeonatos brasileiros de vela, da classe Finn, Ranger 22 e o torneio local da classe Optimist. Nossos atletas seguem nos orgulhando e mostrando que estamos no caminho certo. No Mundial da Juventude, torneio que reúne os melhores velejadores jovens do planeta, Renato Lunetta venceu uma regata, o que nos enche de orgulho, e Felipe Rondina nos trouxe mais um título de Campeão Mundial da classe J70, campeonato disputado na Dinamarca.

No tênis, recebemos a principal competição jovem do país, e os sócios puderam ver de perto jogos equilibrados, além de acompanhar os tenistas do Clube vencendo e aumentando a coleção de medalhas.

Nos enche de orgulho ver a vela e o tênis entre os dez melhores clubes do país no ranking do Comitê Brasileiro de Clubes, um importante parceiro no desenvolvimento do esporte jovem.

Celebramos o Dia dos Pais em uma festa em conjunto com o Ciate, que comemorou 28 anos de fundação, e, durante o evento, a Família Iatista foi brindada pela estreia do Coral do Emiate. E que bela iniciativa! Torcemos para que mais sócios se encantem e passem a integrar o grupo regido pelo professor



Luiz André Almeida Reis
Comodoro

David Evaristo Rosa.

O time de patinação de alto rendimento segue vencendo medalhas, seja no campeonato local, seja no nacional. O nosso mesatenista Iranildo Espíndola foi campeão no brasileiro da modalidade, realizado no Rio de Janeiro.

Seja no judô ou beach tennis, seja na natação, corrida ou qualquer uma das modalidades que temos no Iate, aproveitamos para parabenizar os atletas que representam o Clube, além dos profissionais que trabalham arduamente para que os resultados nos torneios coloquem a nossa bandeira sempre no pódio.

Sem contar que, em setembro, tivemos a honra de ser sede da Superliga Master, organizada pela Confederação Brasileira de Vôlei. Ao todo, 64 equipes participaram do torneio, envolvendo grandes nomes do esporte.

Continuamos na busca de apoio financeiro para o esporte e para a cultura, investindo em projetos de captação de recursos por meio das Leis de Incentivo ao esporte e à cultura. Já aprovamos alguns projetos para o tênis e para a vela, estamos aprovando agora um importante projeto para apoio aos outros esportes individuais e coletivos e aprovamos também um projeto de incentivo à cultura, por meio da Lei Rouanet para o próximo Iate in Concert em 2025.

Agora é tempo de seguir trabalhando para encerrar um ano, que, até então, tem sido memorável. Aguardem, pois mais novidades virão!

Corona

THIS IS LIVING



Beba com moderação

RESGATE HISTÓRICO

PISCINA DO FEIJÃO

Qual é a história da primeira piscina do Iate Clube de Brasília?



Em uma certa edição da **revista do Iate**, a história da Piscina do Feijão foi, brevemente, narrada. De acordo com a publicação, a nadadora Piedade Coutinho foi a responsável pelo desenho e o formato foi inspirado em um óculos de natação. Essa informação foi publicada em 2012, edição número 57.

Para quem não conhece a história dessa atleta, Piedade nasceu no Rio de Janeiro, em 1920, e foi uma das principais nadadoras do país por ter alcançado três finais olímpicas. Com a aposentadoria, ela se mudou para Brasília e chegou a frequentar o Iate, como consta em uma publicação do Correio Braziliense de 1961: “a consagrada campeã” foi convidada a dar aulas de natação e ginástica.

No entanto, antes que algum leitor feche a revista bradando que não foi bem assim... de fato não foi.

O responsável pelo desenho da piscina foi um outro personagem que já está na história do Iate. Oscar Niemeyer, arquiteto e fundador do Clube é o verdadeiro autor do desenho que deu origem ao projeto do Feijão.

Se grande parte dos papéis da primeira década de existência do Iate se perderam ao longo dos anos, a memória humana segue intacta. Graças ao depoimento de George Raulino, ex-comodoro e ex-diretor de vela, é possível confirmar a autoria de Niemeyer no projeto da piscina e ele aproveita para apontar a assinatura do arquiteto no teto do ginásio de esportes.

DOIS RABISCOS

“O Oscar Niemeyer fez dois rabiscos: um é do ginásio, o outro da piscina. Aquilo tinha o formato de um rim e depois virou feijão, mas a ideia inicial era de um rim humano e tinha aquela forma da piscina, mas ele fez como os desenhos que ele fazia”, conta.

Para quem ficou curioso sobre a história do ginásio, Raulino relata: “O projeto original era de duas águas assim, aberto dos dois lagos. E como tudo do Niemeyer, [o projeto] é uma coisa, esteticamente muito bonito, mas pouco prático. Quando começa uma chuva de vento, a água entrava por um lado e saía por outro quase. Estou exagerando um pouco, mas pouco depois foi reformado.”



DO BERÇO VEIO O AMOR PELO IATE E PELO DIREITO

Felipe Rocha, conhecido como Rochinha, é um latista nato, filho de José Osvaldo Fiuza de Moraes. Quando criança, teve oportunidade de aproveitar o Iate Clube de fato e de direito. Fez aulas de tênis, jogou futebol, entrou para a equipe e representou a instituição em campeonatos. Quando veio a vida adulta, foi convidado a assumir a vice-diretoria de futevôlei, depois o setor jurídico e, finalmente, eleito para ser conselheiro.

“Meu pai é sócio do Clube e eu nasci aqui praticamente, somos Clube desde a década de 1980. O Iate não é uma segunda casa, é uma extensão da minha casa. Têm dias que eu passo mais tempo aqui do que em outro lugar”, discorre Rochinha.

Aos 25 anos, ao deixar de ser dependente e se tornar sócio, Felipe Rocha assumiu papéis importantes dentro da configuração administrativa do Iate. Primeiro, por ser praticante da modalidade, se tornou vice-diretor de futevôlei. Depois, foi para a diretoria jurídica, a pedido de Edison Garcia, comodoro à época, e seguiu na função na gestão de Rudi Finger.

“Ganhei a eleição para o Conselho [Deliberativo], fui segundo secretário durante toda a gestão e, agora, também fomos eleitos, e sou primeiro secretário da mesa”.

Mesmo se dividindo entre viagens, compromissos de trabalho, atividades do Iate e, claro, a família, Rochinha segue praticando esportes e vivendo o dia a dia do Iate: “Eu pratico corrida, frequento academia... minha família, esposa e filha já frequentam aqui também”

Paralelamente, Rochinha relata que, enquanto profissão, pode ver o pai começando a vida de advogado na década de 1980 e isso o inspirou a querer trilhar pelo mesmo caminho profissional. Mesmo com tantas carreiras possíveis a partir do curso de direito, foi o exercício da profissão que mais encantou Felipe Rocha quando mais jovem. “Eu cresci vendo meu pai advogando e me apaixonei pela advocacia desde que comecei a me entender como gente”, diz.

Depois de formado, Rochinha não perdeu tempo; começou a dar aulas e engatou em uma pós-graduação na área de Direito do Trabalho, que é o foco principal da atuação dele enquanto advogado.

O escritório Rocha & Fiuza de Moraes Advogados Associados contempla um modelo de negócio inspirado na hotelaria: boutique. O que isso significa? A empresa não se preocupa em ter milhares de clientes e, sim, oferecer serviços personalizados em que um dos sócios acompanhará o processo de perto para orientar o contratante, não importando a hora ou a localidade. A área principal é o Direito do Trabalho Empresarial e ainda de assessoria empresarial, contratos, cobranças, execuções e sociedades.

Dentro do cenário brasileiro, o advogado explica que as atualizações realizadas em 2017 trouxeram mais possibilidades para a relação entre empregador e empregado, o que é entendido como algo positivo: “Historicamente, temos uma legislação muito protecionista, que protege muito o trabalhador. Isso desestimula o empregador de contratar. A atualização trouxe uma flexibilização para poder equilibrar a relação e para não deixar inviável a operação empresarial”, afirma Felipe Rocha.

Em vista ao novo cenário, o especialista apresenta sua avaliação: “Agora o desafio do empregador é fazer frente a todas as obrigações legais e requisitos que exigem, ter um nível de empregabilidade maior, com mais qualidade, porque o empregado busca qualidade de vida”.

Só oferecer o melhor salário não vem sendo suficiente para as empresas evitarem o chamado “turnover” ou a alta rotatividade de colaboradores. Nos tempos de hoje, o empregador precisa entender melhor o que seu colaborador busca e quais os benefícios que mais fazem sentido para os funcionários. “Quando o empregado se sente valorizado, ele entrega mais”, defende o advogado.



CONEXÕES

A experiência profissional de Felipe Rocha o credenciou a ocupar cargos de diretoria e atualmente no Conselho Deliberativo no Iate, uma prerrogativa prevista no estatuto do Clube, a de envolver o sócio em decisões importantes, afinal, nada melhor do que o próprio ‘dono’ para cuidar de um negócio.

“Eu acho fundamental ter o sócio engajado. Muitas pessoas não gostam, pois enxergam no Clube uma válvula de escape, mas o engajamento do sócio, nas mais diversas áreas do Iate, é de fato um diferencial. Nós, sócios, temos um amor grande e um carinho pelo Iate”.

O próprio modelo de negócio do escritório, de alguma forma, se assemelha ao Iate Clube, que busca sempre estar um passo à frente das demandas dos associados e oferecer mais comodidade, além de serviços de excelência.

“Nosso conceito boutique remete a um trabalho artesanal, em que os sócios se engajam diretamente no acompanhamento de todas as demandas dentro do escritório. E isso é visto no Iate, que preza pela entrega de um serviço de qualidade, e o sócio procura aqui, da mesma forma no nosso escritório. Acredito que criamos muito bem esse paralelo, que é o que o Clube também entrega para o sócio. É o que nos inspira e nos leva a cada dia melhorar o trabalho no escritório”.



SEU SONHO, NÓS CONSTRUÍMOS.

Durante seus 25 anos de existência, a Faenge se consolidou como uma incorporadora que desafia paradigmas para construir o melhor imóvel para a sua vida. Empreendimentos residenciais e comerciais no Distrito Federal, com alta **qualidade construtiva e inovação inigualável**. Onde o cuidado com você é percebido em cada detalhe da entrega.

NOROESTE | URBAN 306



2 e 3 quartos e coberturas
Aptos. 64m² a 220m²

NOROESTE | PALAZZO 105



4 suítes
Aptos. 193m² a 477m²

NOROESTE | LINK



1 e 2 quartos e lojas
Aptos. 27m² a 57m²

PARK SUL | GET



2 quartos e lojas
Aptos. 59m² a 64m²

PARK SUL | ESSENCE



2 quartos
Aptos. 61,70m²

Visite decorados.

Imóveis prontos e em construção.

Conheça mais sobre a **Faenge**:

Central de Vendas: **(61) 3202-1533**

www.faenge.com.br

Acesse o WhatsApp



25 FAENGE
EMPREENDIMENTOS

PATINAÇÃO ARTÍSTICA: UM PAPO TÉCNICO



A patinação artística, nas últimas décadas, é uma modalidade de destaque no Iate Clube de Brasília. Neste ano, a instituição teve a honra de sediar uma das etapas do mundial da categoria. Assim, atletas de vários países flutuaram em seus patins no ginásio. Foi uma oportunidade para que os patinadores da casa demonstrassem técnica, habilidade, desenvoltura e arrancassem aplausos de uma plateia que havia recém-descoberto a modalidade ou que, simplesmente, pode se reencantar com giros e saltos.

A equipe do Iate conversou com os dois técnicos de alto rendimento da modalidade com uma intenção simples: entender mais sobre o esporte e sanar algumas curiosidades como, por exemplo: quantos patins um atleta precisa ter? Eles são todos iguais? Os materiais mudam? Qual é o momento certo para investir em um equipamento próprio?

Após um dos treinamentos realizados no ringue de patinação do Iate Clube, os técnicos Thatiana Resende e Eduardo Gravina, que acumulam experiências e vitórias enquanto atletas e que, neste ano, lideraram a equipe a

vencer seis medalhas em duas etapas do mundial da modalidade, conversaram com a **Revista Farol**.

A primeira curiosidade é... os patinadores precisam de muitos patins?

O ponto principal, na verdade, é o conhecimento de que existem disciplinas diferentes dentro da patinação. Existe a patinação livre, onde os atletas realizam saltos e giros, e essa é uma das mais conhecidas. E também a de dança, em que o patinador precisa demonstrar melhor a habilidade com os pés e fazer as curvas mais elaboradas.

A última disciplina, não está em alta, mas é a chamada 'Figuras obrigatórias', sendo bastante técnica, pois os atletas devem ser precisos nos movimentos para fazer os círculos. Os treinadores explicam que os praticantes começam aprendendo essa disciplina, pois ela possibilita o aluno aprender mais sobre equilíbrio em cima dos patins, por exemplo. Essa disciplina é muito importante para a base da patinação, o patinador tem que seguir os círculos no chão e ficar exatamente em cima da linha.

Aos pais sócios do Iate, vale um lembrete importante: para os alunos que desejarem ingressar nas escolinhas de patinação, o Clube oferece os patins para iniciação e só depois, com a evolução do atleta e a escolha da disciplina, será preciso investir em um equipamento próprio.



Depois de ter ciência das disciplinas, é possível entender quais são as especificidades de cada patins, e, para uma melhor compreensão, nada como recorrer a conceitos básicos da física. Quem disse que não usaríamos as noções de força centrípeta, centrífuga e atritos na vida real? E os técnicos concordam, pois esses termos aparecem nos treinos, e os atletas precisam ter ideia do que eles significam.

Para saltos, giros e dança livre, o patinador pode requerer um equipamento mais leve e com rodas menores para facilitar os movimentos. Para ter sucesso nos círculos, o eixo do patins poderá ter alterações. Claro, ainda tem que avaliar o tipo de pista, como funciona no automobilismo também; se a pista for muito lisa, talvez seja melhor uma roda diferenciada para garantir que o atleta permaneça em pé.

“O eixo do patins, que é o que possibilita o desenho das curvas, vai trabalhar de uma maneira diferente para cada disciplina. Então o nosso patins tem uma base, com dois eixos, um na frente e outro atrás. Cada movimento do eixo é feito separadamente”, explica Eduardo Gravina e Thatiana complementa: “A ideia é ‘como no skate’”.

A diferença do tamanho dos círculos podem implicar na diferença dos patins. A treinadora explica: “Os patins de uma disciplina podem ter um eixo que vai ser mais movimentado do que em outra disciplina, tem até patins para fazer esses círculos menores e patins para os círculos maiores”.

Se é possível mexer nos eixos dos patins, as rodas também passam por alterações: “Se você vai ter que fazer muito fechada, uma roda com diâmetro maior é melhor, pois você pressiona e essa roda te sustenta”, destaca Gravina.

No entanto, para esclarecer, o técnico relembra dos tempos de atleta: “Não é uma obrigatoriedade ter dois ou três pares de patins. Quando eu competia, fiquei muito tempo com um par de patins só. Comecei com uma disciplina e só depois passei a fazer dança, e eu só trocava as rodas”.

A disciplina de dança traz exigências para o atleta que precisa de maior aderência e quando o atleta Eduardo fazia ‘Figuras Obrigatórias’, ele ia com o mesmo equipamento, mas “soltava ainda mais o eixo e trocava as rodas”.



Como é o início da jornada de um atleta da patinação?

“Primeiro, é preciso aprender a patinar”, sinaliza os dois treinadores. Para isso, o atleta aprende a disputar todas as disciplinas: “Mais para frente a gente vai especializando, vamos vendo quem tem mais aptidão, qual disciplina se interessa mais, e vamos fazendo essa triagem, até mesmo porque os mais velhos, por conta da escola e dos estudos, o tempo deles fica reduzido para realizar o treinamento. Se tem menos tempo para treinar, é preciso especializar para aproveitar o tempo disponível”, responde Gravina.

Thatiana fez uma comparação com outro esporte: “É como na ginástica artística: no início a pessoa vai passar por todos os aparelhos e, no decorrer da carreira, o atleta vai se especializando. Mas, no início, o aluno será exposto a todas as disciplinas.”



“
A patinação
me ensinou
várias coisas,
mas eu
acho que a
principal é ser
resiliente”

Como é a rotina de treinamento para os atletas de alto rendimento?

O ideal é, de acordo com o treinador, seis vezes na semana com um dia de descanso. “Porque para a competição de alto rendimento, eles precisam fazer muitas repetições, e precisam ocupar o espaço de treinamento para ter a naturalidade de fazer as movimentações previstas para as competições. Os atletas fazem duas vezes por semana a preparação física e ainda

temos um treino de três vezes na semana sem os patins, com os movimentos que fazemos na patinação, com a intenção de treinar a movimentação.”

Os perrengues nada chiques do passado

Thatiana e Eduardo lembram as dificuldades que enfrentaram quando competiam enquanto atletas. Se, atualmente, a organização sinaliza aos competidores quais tipos de rodas são ideais para usar, bom, nem sempre foi assim.

“Muitas vezes nós íamos no escuro e, quando começamos, não tinha tanta variedade e treinávamos apenas com uma roda [tipo]. Chegávamos em uma pista escorregadia e era isso, vai lá e se vira”, relata o técnico.

A treinadora concorda e complementa: “No máximo, o que era feito naquela época que hoje em dia não fazemos tanto é pegar um recurso externo, como o breu, ou como os ginastas que usam magnésio. Hoje não é necessário porque a gente tem muitas rotas”.

Por tudo que vocês viveram quando competiam, isso facilita para passar segurança e tranquilidade para os patinadores treinados por vocês?

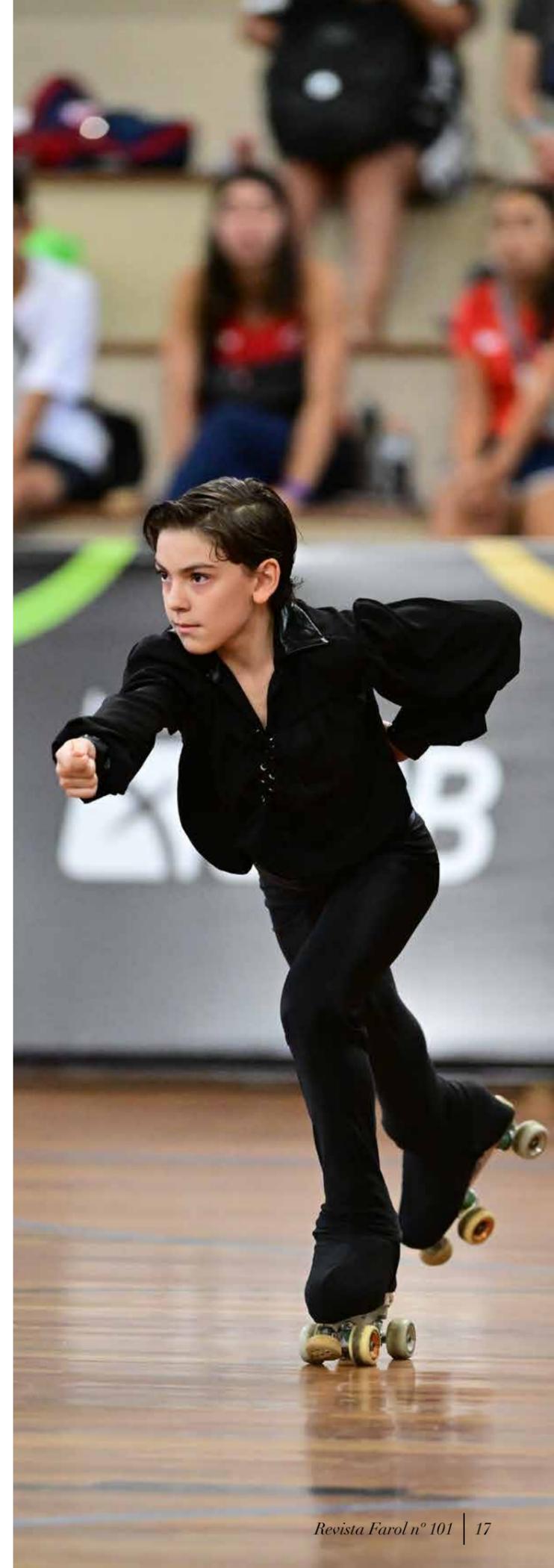
“Passamos por muita coisa, a gente tem uma experiência própria e isso acaba dando segurança para eles, mas em um esporte de performance individual é importante treinar fazendo tudo certo. Já fizeram uma vez errando um movimento ou errando tudo. Eles sabem que cada vez é uma vez”, diz Eduardo Gravina.

“É engraçado que, apesar da gente ter vivenciado várias coisas, muitas situações também são novas, só que, por termos experiência, conseguimos lidar melhor com aquela situação. Nós também temos segurança ao chegar na competição porque mesmo que sejam situações diferentes, a gente tem como lidar, sendo diferente quando se olha para treinadores novos chegando nos campeonatos. Eles ficam muito mais nervosos e ansiosos porque não sabem o que acontecerá”, diz Thatiana Resende.

Quais são os maiores ensinamentos que vocês aprenderam enquanto atletas?

“Para mim, com certeza, é ter resiliência; você cair, levantar e não desistir no primeiro obstáculo, ir lá e fazer de novo. Isso envolve muitas coisas, como persistência, paciência, até mesmo humildade, porque não gostamos de errar, não é? Você acaba se tornando uma pessoa mais resiliente na vida. E ainda tem o controle do nervosismo. A patinação me ensinou várias coisas, mas eu acho que a principal é ser resiliente”, aconselha a treinadora.

Eduardo Gravina concorda e complementa a resposta da colega: “Para mim é a humildade, eu me vejo falando sobre isso com os atletas porque é muito difícil, ainda mais nessa geração nova, notar que, às vezes, você vai lá e faz o seu melhor, mas vão ter outras pessoas que serão melhores que você. E não é porque você ganhou hoje que você será campeão sempre e também não é porque você perdeu hoje que você será o pior de todos. Então os atletas vão aprendendo que as coisas vão mudando e que temos uma participação muito grande em como vai ser o resultado final, mas não temos o controle de como será o futuro”.





SÃO ELAS QUE DÃO AS CARTAS

O carteado do Iate Clube está se acostumando com a presença delas. E elas estão dando show na hora do blefe

Filha caçula em uma casa com irmãos, a mineira Mayla Grossi narra que a convivência no mundo deles sempre foi algo natural e que o universo das cartas sempre fez parte dos planos de diversão. No Iate Clube, ela disputou o torneio de truco no fim de 2023 e, por mais que digam que há a lenda de ‘sorte de principiante’, ela conquistou o terceiro lugar fazendo dupla com Suelena Menezes.

A parceria veio de um acaso, segundo Mayla; Suelena já tinha uma dupla, mas que não pôde participar daquele torneio. Assim, com a vaga, elas formaram um time vitorioso. “No primeiro campeonato, nós tiramos o terceiro lugar, perdendo para a dupla campeã, e foi muito legal porque éramos a única dupla feminina do campeonato.”

Um encontro que tinha a missão de mostrar a ‘força feminina’ acabou indo além. “A gente deu super certo jogando e no outro torneio [realizado

em 2024], jogamos de novo e fomos vice-campeãs”, celebra.

A presença das mulheres nas mesas de carteado vem se mostrando uma tendência nos torneios de truco do Iate. Algumas preferem se arriscar nas cartas fazendo dupla com os maridos, e o que Mayla pensa sobre isso?

“Como diria a Angélica: ‘a intimidade causa atritos e filhos’”, brinca. A jogadora acredita que com o parentesco ou a proximidade, as discussões entre as duplas podem se tornar mais acaloradas, mas, por outro lado, pode-se formar um time imbatível. Talvez, em breve, essa relação casamento e truco vire tema de livro de autoajuda, não é mesmo?

A história da dupla Mayla e Suelena pode ter tido uma origem aleatória. Contudo, as duas fazem questão de treinar para entender melhor os blefes e traçar estratégias precisas rumo à vitória.

Blefar ou Roubar, eis a questão?

Para quem não tem tanta familiaridade com o universo das cartas, pode até achar que blefe e roubo podem ter o mesmo significado. Na verdade, isso é um mito.

O blefe é enganar o adversário, e isso está dentro das regras do truco. O jogador pode fingir que tem cartas fracas ou combinar sinais com o parceiro. O que não vale é: esconder cartas e fazer marcações no baralho. São essas ações que são consideradas roubo.



Em um espaço mais ocupado por eles, Mayla revela que chegou a ouvir que a dupla teve sorte no sorteio das chaves no torneio. Independente do que digam, a jogadora sonha em conquistar o primeiro título. “Até brinquei com ela [Suelena], que no próximo torneio iremos ser campeãs, afinal já fomos terceiro e segundo, no próximo nós temos que estar em primeiro lugar”, finalizou.

Feliz com a chegada de novas jogadoras e do movimento que os torneios de truco tem causado no Iate, o vice-diretor de Jogos de Cartas, Francisco Faria, revela estar animado com o que tem visto. “Anteriormente, o jogo era visto como algo para homens, no entanto, o que se vê é o aumento da participação das mulheres, e elas estão competindo de igual para igual, inclusive tivemos uma dupla feminina que conquistou o vice-campeonato no nosso evento de abril deste ano”.

O que leva às mulheres ao universo das cartas é algo “íntimo, de cada um” de acordo com o vice-diretor. “São os gostos que não temos como mensurar.

Às vezes, o marido está em uma outra atividade esportiva, que a esposa não gosta e a mulher opta pelas cartas”.

BENEFÍCIOS DOS JOGOS DE CARTAS

No Iate, o truco e o buraco são as modalidades praticadas quando o assunto é jogos de cartas. As duas atividades trazem benefícios para os jogadores. A interação social durante as partidas abre espaço para a construção de novos relacionamentos interpessoais e a turma forma uma nova família, que celebra aniversários e outras conquistas.

A memória e a concentração são trabalhadas entre uma rodada e outra. Faria sinaliza que os jogos incentivam os praticantes a exercitar o cérebro, pois é necessário “pensar nas estratégias, é preciso ficar muito ligado, então é bastante interessante”.

A jogatina não é só para os adultos, até os mais jovens do Clube estão se interessando em entender mais sobre os naipes, as manilhas ou como fechar as chamadas canastras. “Há um certo tempo, as pessoas tinham o jogo de truco ou buraco como algo de idosos, mas não é verdade. Hoje, nós vemos crianças, com idade de 12 anos, querendo aprender”.

Regras básicas do truco

Para quem se interessou, seguem as regras básicas do jogo de truco praticado no Iate:

O jogo será disputado com o baralho CHEIO (40 cartas), excluídas tão somente as coringas e as cartas 8, 9 e 10, de todos os naipes.

No Truco, vale a sequência: Dama, Valete e Rei.

Manilhas são as quatro cartas (fixas), maiores do jogo, na seguinte ordem de grandeza:

(Da mais forte para a mais fraca):

- ♣ 4 de paus (ZAP);
- ♥ 7 de copas (ESCOPETA);
- ♠ Ás de espada (ESPADILHA); e
- ♦ 7 de ouros (PICA FUMO).

Compõem o baralho as demais cartas, menores do que as manilhas, na seguinte ordem decrescente: 3, 2, A, K, J, Q, 7, 6, 5, 4, de todos naipes.

VELEJAR, UM AMOR PARA A VIDA INTEIRA



“
Você tem que ter disciplina, foco, dedicação, tem que gostar primeiro.”

Aos 71 anos, Celina Mariano é uma amante do iatismo e uma incentivadora do esporte por onde quer que passe

Não importa em qual instante o amor nos alcance: é certo que, em algum momento, ele nos achará e, de repente, nossos rumos terão novos caminhos e voltar na estrada da vida será quase impossível.

Aos 35 anos, Celina Mariano descobriu um amor que a fez mudar rumos, aprender novos caminhos, fazer novos amigos e seguir estampando um belo sorriso no rosto por onde quer que ela vá.

O esporte sempre se fez presente em sua vida, em especial, o tênis. No entanto, graças a um convite, Celina pôde participar de sua primeira regata e, 36 anos depois, segue amante do iatismo e convidando mais pessoas a compartilhar desse amor.

Ela conta que nem sabia ao certo o que era “vela”, mas que sempre frequentava o espaço do Iate, aproveitava para tocar violão, curtir um churrasquinho e estar entre os amigos. “Até que um belo dia alguém me chamou para correr uma regata no Cota Mil, eu nem sabia que barco era. Era um Pinguim, um barco de madeira antigo. Daí lembro que pensei: ‘Eu vou entrar nessa casquinha de noz?’, lembra Celina, se divertindo com a lembrança. Dentro da

embarcação, ela sabia que se sentisse desconfortável poderia pedir para voltar ao deck. “Mas quem disse que eu queria voltar? Nunca mais larguei”, complementa.

Depois da primeira regata, Celina experimentou o windsurf e, logo depois, o barco de oceano. Ela relata que começou “toda torta por já estar com 35 anos” e nunca mais parou.

Contudo, o que a vela tem de tão diferente de outros esportes? Os esportes têm pontos em comum, afinal, “você tem que ter disciplina, foco, dedicação, tem que gostar primeiro. Mas eu notei coisas diferentes na vela, o desenvolvimento da parte psicomotora, pois é preciso prestar atenção no vento, administrar a vela, a tripulação, prestar atenção nos adversários. Então você trabalha muitas variáveis ao mesmo tempo na sua cabeça”.

Tecnicamente, Celina explica as diferenças entre velejar no Lago Paranoá e pelos mares. “Do ponto de vista de vento, o lago é menos previsível do que o mar. Ele muda de direção e intensidade o tempo todo. Então você tem que trabalhar o barco, as velas, o peso da tripulação... na maré, estudando a raia, você consegue perceber como é e como está. A onda é difícil para quem treina aqui, mas para o barco de oceano é tranquilo, você pega muito rápido.”

NÁUTICA

A imprevisibilidade das regatas pode ter sido um dos motivos do esporte para conquistar Celina. “Você está em uma regata com 20 barcos, e você está em 18º lugar, mas tem uma rajada que só você viu, e você tenta um risco calculado, daí você pode melhorar muito a sua posição”.

Diferente do tênis, que a velejadora praticava antes, ela já sabia quais eram as variáveis ao entrar em quadra, se teria chances ou não de vencer. Entretanto, a regata apresenta “variáveis que não só dependem do seu jogo”, que podem fazer tudo mudar rapidamente.

A velejadora brinca ao dizer que torce para o Vasco da Gama e, por isso, ficou confortável ao assumir a vice-diretoria de Vela. “Fui a primeira mulher na diretoria náutica”, relata. Arquiteta, Celina também esteve à frente da Diretoria de Engenharia do Iate. “Sempre gostei de ajudar o Clube, que é o meu clube que eu amo, e têm as pessoas que gosto. Tenho meu dedinho em algumas coisas aí e fico muito feliz por ter tido a oportunidade de contribuir. Estou sempre aberta a contribuir, sempre que o Clube achar que eu posso”.



“**Sempre gostei de ajudar o Clube, que é o meu clube que eu amo, e têm as pessoas que gosto.”**

A VELA É UM ESPORTE DE FAMÍLIA

Celina Mariano traz uma visão interessante para unir pais e filhos ao redor da vela. A arquiteta acredita que não basta o pai, a mãe ou o responsável trazer a criança para as aulas, mas que o mais interessante seria pais e/ou responsáveis se envolverem no esporte, ou seja, também se inscreverem nas aulas de vela voltada para os adultos.

A velejadora já viu essa história se repetir: “Daqui a pouco a pessoa toma gosto e decide comprar um barco para o filho ou um veleiro para passear com a família”.

Recadinho aos sócios do Iate: a Diretoria de Esportes Náuticos disponibiliza os equipamentos necessários para o início e a prática no esporte. Podem ir sem medo.

Também sem medo, Celina aborda um assunto que pode até gerar polêmica: elas aprendem a velejar mais rápido: “Segundo os técnicos com quem eu já treinei, as mulheres aprendem mais rápido. Elas entram com mais humildade”.

Uma das vontades da velejadora é ver o espaço da Náutica mais social, para que pais, mães, avós e outros familiares possam frequentar, criar elos de amizade e seguir acolhendo quem está começando ou tem o desejo de iniciar no esporte: “A melhor propaganda é o componente social do esporte. Você tem que se sentir acolhido no esporte.”



DINGUE PARA EXPORTAÇÃO

A velejadora narra que o dingue é um projeto nacional, de autoria de um arquiteto naval e fábrica brasileira. A embarcação virou moda no mundo inteiro: “Ele é uma pata choca, mas, como todo veleiro, quando o vento está forte, o bicho fica doido”. A fama, segundo Celina, se dá pela facilidade do adulto em aprender a velejar e por ser um barco que possibilita duas pessoas experimentarem o prazer de vela.

VELEJAR É VONTADE

A vontade é a dona do começo de qualquer atividade, e Celina concorda completamente: “Ninguém nasceu sabendo. Quando eu comecei a correr no barco de oceano eu chamava a drifça de ‘Melissa’, porque é o meu vocabulário, assim como a escota, que eu falava ‘estopa’, mas segui chamando como uma forma de brincadeira”.

Para a velejadora, o mais importante na hora de aprender a velejar não é decorar os nomes, para a velejadora, mas o fundamental é “entender o que cada coisa causa no barco, porque velejar envolve dois princípios da física: hidrodinâmica e aerodinâmica”.

A vela, como explica Celina Mariano, é uma espécie de asa de avião na vertical, o mesmo princípio de Bernoulli, que diz que a diferença de pressão que passa dos lados, mesmo que esses tenham tamanhos e formas diferentes, chegam ao mesmo tempo no outro ponto. Essa é a explicação para o voo de aviões, por exemplo.

LIÇÕES MILENARES PARA MENTES E CORPOS DO FUTURO

O Yoga é uma prática milenar que conquista adeptos ao redor do mundo com uma missão de autoconhecimento e o desafio de conseguir expandir os próprios limites

Nascemos. Não leva muito tempo para abrimos os olhos e tentarmos responder aos milhares de estímulos que nos rondam. Aprendemos a engatinhar e, dali alguns tombos, começamos a dar as primeiras corridas. E quem diria que o primeiro trote seria apenas o presságio de uma rotina em que pouco se para e quando se descansa o corpo, a mente segue acelerada?

A tecnologia invadiu os nossos lares com a promessa de que teríamos mais tempo. Será? Ou será que viramos um alvo fácil para mais um opressor?

Em uma rotina atribulada, acabamos por adoecer. A depressão e ansiedade fazem lar em tantos corpos e mentes que só há um caminho viável: desaprender o que aprendemos ou simplesmente desacelerar.

Em uma sala no segundo andar do prédio da academia do Iate Clube, uma certa aula expõe as fragilidades da vida contemporânea, ao mesmo tempo em que espaço para as pessoas reaprenderem a fazer algo que fazem todos os dias: viver e habitar o próprio corpo.

O Yoga ou, em bom português, a ioga, é uma prática milenar nascida em tempo remoto quando nem a Índia tinha esse nome. Mesmo há tanto tempo atrás, alguém percebeu que era possível unir corpo, mente e espírito em uma prática para beneficiar de forma completa o ser humano.

Atualmente, a ciência já comprou algo que os mestre yoguis ou yogues reafirmaram há milênios: a chave da vida está na respiração. O professor Hermógenes, um dos pioneiros do ensino do Yoga no país e autor de várias obras sobre o tema, dizia que respirar é “administrar a própria vida”.



E será que alguém sabe a resposta de quando desaprendemos a respirar? Ana Luíza Teófilo, professora da modalidade no Iate Clube, compartilha uma teoria até divertida: deve ser quando os boletos começam a chegar! Ou até antes, afinal, casos de ansiedade não respeitam mais idade: “Eu acho que não existe um momento específico, acho que é a loucura da vida mesmo, é tão automático”, especula.

Felizmente, o Yoga inclui um treino para reaprender a respirar, o chamado pranayama, por mais estranho que pareça. A prática demonstra que a verdadeira respiração começa no baixo ventre, se expande para os músculos intercostais e termina no peito. Essa é a chamada respiração completa. E quem tiver dúvidas, basta

reparar como um recém-nascido respira. Basicamente, sem saber da loucura do mundo em que vai viver, os bebês respiram ‘com a barriga’. Esse movimento ajuda a inflar mais o pulmão e, com isso, melhora a oxigenação do corpo.

Ana Luíza se lembra de um estudo que apontava que “quando estamos pensando muito, a nossa respiração fica cortada, palpitando, curtinha e rápida”. Assim, se percebe a importância de sair do modo automático e assumir o controle da própria respiração e da vida em si.

No entanto, a vida não pode ser só respirar certo, correto? O Yoga ensina o praticante a usar o corpo que habita, afinal, se podemos fazer tantos movimentos, porque não tentar algo novo?

Os asanas marcam a prática do Yoga. O termo em sânscrito pode ser traduzido como posição: basicamente, são as posturas que aprimoram flexibilidade, mobilidade, força e equilíbrio.

A professora Cibele Baena recomenda a modalidade para todas as idades e todas as pessoas. “A gente trabalha com o corpo sutil, a mente, a energia, então, aprofunda. Não é apenas uma atividade física”, destaca.

Focando no corpo físico, o praticante de Yoga recebe benefícios que melhoram o sistema cardiovascular, respiratório, além do sistema endócrino e o músculo esquelético. “O grande diferencial é que a gente trabalha com o corpo, mente, as questões emocionais e a energia”, pontua.

PARA TODOS? SIM E COM CERTEZA

A prática começou a ser ofertada no Iate em 2007 e de lá para cá, o Clube investiu em equipamentos para que os interessados pudessem se sentir acolhidos, independente da condição física ou da idade.

Entre os equipamentos que ajudam ou aumentam a dificuldade da prática estão os bloquinhos e as faixas. E os alunos não precisam se preocupar, pois os famosos tapetinhos de Yoga estão à disposição na sala.

O Yoga possui diversas escolas e a praticada no Iate é o Hatha. Essa modalidade se divide, basicamente, em quatro

partes: respiração, aquecimento, asanas e o relaxamento final.

Cibele deixa um recado importante para quem ainda tem dúvidas sobre se tornar um yogui, “A gente começa de onde a gente tá. O Yoga não é performance, ele é um trabalho de autoconhecimento. Não existem comparações, eu não preciso fazer todas as posturas, o objetivo final não é uma postura”.

Se o assunto é autoconhecimento, Ana Luíza aproveita para compartilhar um fato interessante. Como explica a professora, as emoções reprimidas ficam “cristalizadas” nos quadris e quando o praticante realiza movimentos direcionados para essa área do corpo, o resultado pode ser catártico. “Sempre passo muita abertura de quadril para soltar essas emoções, então, é muito comum, na hora do relaxamento final, as pessoas chorarem ali”, revela.

“**O Yoga não é performance, ele é um trabalho de autoconhecimento**”



YOGA OU IOGA?

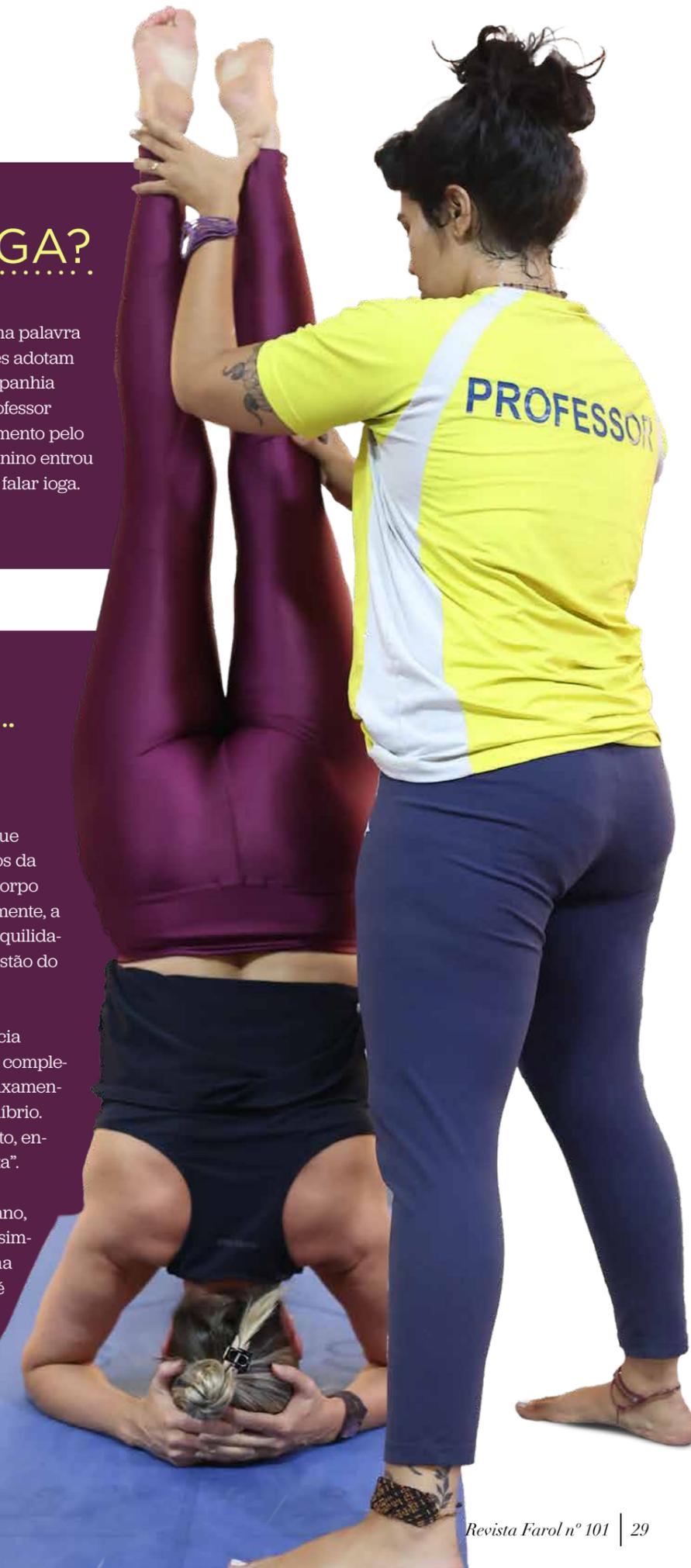
Os dois termos estão corretos. Por ser uma palavra em sânscrito, alguns instrutores e mestres adotam o termo original e a prática ganha a companhia do artigo masculino. Por outro lado, o professor Hermógenes, que difundiu esse conhecimento pelo Brasil, trocou o “y” pelo “i” e o artigo feminino entrou para determinar que por aqui é possível falar ioga.

PALAVRA DE PRATICANTE

Praticando desde 2020, Paula Mendes, que ainda faz musculação, atesta os benefícios da prática milenar. “É um exercício para o corpo e a mente. Então eu senti o benefício na mente, a questão da meditação para ter mais tranquilidade e paz. Essa coisa toda do corpo, a questão do alongamento e da flexibilidade”.

Adepta a dois anos da modalidade, Patrícia Romano conta que a aula de Yoga é bem completa. “A gente sente ao mesmo tempo o relaxamento, a respiração, a concentração e o equilíbrio. Sentimos também a força e o alongamento, então, para mim, é uma aula super completa”.

Mesmo sendo praticante há apenas um ano, Sandra Gomes sinaliza que a aula não é simples e está longe de ser monótona. “É uma superação, e eu descobri que [o Yoga] é para uma vida inteira. Está me fazendo muito bem, tanto para o corpo como para a alma e para o espírito”.



MASTERS : REFERÊNCIAS PARA O FUTURO

A história do polo aquático no Iate Clube nasceu ainda na década de 1990 e os jovens vencedores de outrora se tornaram os masters de ouro da atualidade

Há quase 40 anos, Oto Morato é encontrado à beira das piscinas durante os treinos do polo aquático. O olhar preciso do treinador já revelou e deu asas a uma turma vencedora na modalidade no fim da década de 1980 e início dos anos 1990. Nos tempos atuais, o mineiro, que passou pela presidência da Federação Aquática de Brasília, prepara os jogadores masters do Iate Clube de Brasília, além de apoiar os jovens talentos nas competições.

Foi na gestão de Ennius Muniz (1993-1997) que a modalidade começou a florescer. “Nelson Campos (1997-1999) também apoiou muito o polo aquático. Eles adotaram uma equipe que foi campeã dos Jogos Universitários Brasileiros e todos os atletas se tornaram sócios depois da universidade”, relata o treinador, que ainda destaca que tudo aconteceu entre 1994 e 2000.

Nos campeonatos nacionais, o time do Iate Clube chegou a estar presente em três ou quatro finais, como ele lembra. “O Iate fez muito bonito, com vários jogadores convocados para a seleção brasileira, como Leonardo Dias, Daniel Queiroga, Eduardo Peres,

Tiago Falcão e Gilberto Mendes Junior. Os sócios pegaram seleções, que seriam hoje a Sub-15, 17 e 19.”

O time vencedor do passado envelheceu, mas o talento não virou poeira na estrada do tempo. A razão, segundo o treinador, se esconde no horizonte. “Aí se provou uma teoria que eu acho que é consagrada já: a qualidade de vida de Brasília”, disse. Segundo Morato, aspectos como o desenho da capital e a mobilidade favorecem que os atletas juvenis consigam se manter na ativa mesmo com o avançar da idade.

Os amigos do passado nunca se separaram: “E agora esse time vira master e volta a ganhar dos atletas do Rio e de São Paulo”, destaca o treinador. Ele se lembra de um torneio realizado no Chile, com muitos rivais com passagem pela seleção brasileira: “Eles perderam para a gente”, relembra.

A equipe master do Iate venceu o Sul-Americano, Pan-Americano, em Orlando e em Medellín. Agora, os atletas desejam brigar pelo

mundial. Esse torneio está previsto para o próximo ano e será disputado em Cingapura.

Há pouco mais de dois anos, o Iate Clube está investindo na base do esporte. O polo aquático conta com uma escolinha para crianças, e as meninas aparecem em maior número. “O time Sub-13 está praticamente formado e vamos participar de torneios”, sinaliza o treinador.



Oto Morato, técnico e incentivador dos jovens dos anos 1980, segue atuando e formando novos atletas.



DANIEL QUEIROGA

Hoje conselheiro do Iate, Daniel Queiroga não só carrega as boas memórias do tempo de juventude nas piscinas, mas segue como atleta e celebra o fato de que os cerca de 20 jogadores da década de 1980 seguiram juntos e somam 40 anos de amizade. “São os meus amigos hoje, é uma família mesmo, um torcendo pelo outro e tudo aqui no Iate”, disse.

O grande responsável pela união e pelo respeito cultivado dentro da equipe entre os jogadores foi Oto Morato, como relata Queiroga. A amizade fora d’água faz com que os atletas saibam exatamente o que fazer dentro da piscina, tornando uma vantagem positiva para o time. “Eu sei como determinado jogador gosta de receber a bola”, comenta o conselheiro.

Assim como o treinador, Queiroga relembra os colegas e os grandes feitos: “Os jogadores disputaram mundial, disputaram seletiva olímpica. Fomos campeões brasileiro, Sul-Americano e Pan-Americano”, relata. O treinador ainda atuou como “promoter” da equipe e garantiu patrocínios para ajudar os jogadores a conquistarem voos mais altos.

Armador nas piscinas ou driver, como é chamado, Queiroga começou na modalidade como marcador e, além das medalhas, ganhou uma bolsa e foi estudar nos Estados Unidos.

Na volta para o Brasil, Daniel Queiroga voltou a integrar a equipe e comentou que foi naquele momento que começou a história de Oto Morato como head coach: “A gente foi pingando de clube em clube até chegarmos ao Iate em 1994. Nós tivemos os melhores resultados da vida aqui no Clube. Vários atletas disputaram o mundial, vários torneios com a seleção, e nós nos tornamos o melhor time de Brasília.”

Com experiência nas piscinas, Daniel Queiroga assiste às partidas da filha atento e passa orientações durante toda a partida.





Melhores na piscina e famosos fora d'água, Queiroga se diverte ao lembrar das demandas da imprensa e revela que o treinador fez uma fita VHS com reportagens da época e com a história do time de polo desde o começo. "Ele [Oto Morato] fez a fita com a história do time até 1998, eu tenho guardado", contou.

Três décadas se passaram e, nos tempos atuais, a equipe master se consolida como uma equipe fortalecida: "É um time muito forte, senão o melhor do Brasil, um dos melhores da categoria +50" diz Daniel Queiroga, que concorda com a meta do treinador e acredita que poderá brigar pelo título mundial com os amigos que o esporte o proporcionou.

POLO AQUÁTICO

A PRÓXIMA GERAÇÃO

Mariana Queiroga, filha de Daniel, é uma das representantes da futura geração do polo aquático do Iate Clube. Excelente nadadora, a atleta, por acaso, joga na mesma posição do pai, que relata, orgulhoso: "Ela é canhota, joga de driver e chutadora. Aí é a minha felicidade".

Ao acompanhar um dos treinos, facilmente se confirma o que Oto Morato diz na turma infantojuvenil: a presença das meninas é superior a dos meninos. A garra não falta e o grupo segue aplicando as orientações dos treinadores, fazendo com que, quem assiste à aula, acredite no surgimento de uma geração vencedora.

E mesmo que os títulos não venham, Daniel Queiroga ensina às filhas a importância do esporte na vida de um praticante. "O esporte na minha vida foi tudo, meus amigos são do esporte. O esporte te dá oportunidade, seja de conhecer o mundo, seja de estudar fora, fazer



network, de ter disciplina, comprometimento. Eu devo tudo ao esporte. E eu ensino para as minhas filhas: 'aproveitem!' Nem todo mundo será um atleta olímpico, o funil é muito apertado, mas você pode ter outros objetivos", aconselha.

O polo aquático entrou no programa olímpico já em 1900, nos Jogos de Paris. O primeiro país medalhista de ouro foi a Grã-Bretanha. A modalidade foi inventada no fim do século XIX e naquele tempo ficou conhecido como rugby aquático.

As duas regras básicas desse esporte são: a bola não pode ser segurada com as duas mãos juntas por qualquer jogador, com exceção do goleiro, e a bola não pode ser afundada por qualquer jogador quando atacado. Importante: os jogadores não podem colocar o pé no fundo da piscina.

Os times são formados por 14 jogadores, sendo sete de cada lado: um goleiro e seis atletas de linha. Seis jogadores são os suplentes que podem entrar durante a partida.

Nas duas últimas olimpíadas - Tóquio 2020 e Paris 2024 -, o ouro ficou com a Sérvia. No feminino, as americanas ficaram com o título no Japão e as espanholas levaram a melhor na França.

Condicionamento físico é algo fundamental para os atletas do polo aquático, afinal, a natação é parte integrante do esporte, sendo até natural que nadadores migrem para o polo aquático, como aponta Oto Morato.

Quem explica as posições dos atletas na água é Daniel Queiroga: "São basicamente quatro funções: o centro, o marcador de centro, o driver e os chutadores". Todos os jogadores podem finalizar, mas, comparando com o futebol, o atacante seria melhor no chute do que um zagueiro.

IATE:

UM CLUBE FEITO DE PESSOAS

Uma agenda fervorosa faz parte do dia a dia do Iate Clube de Brasília. Mesmo com tantas opções de atividades ou atrações culturais, os associados aproveitam o espaço também para criar rotinas. Alguns novos hábitos se tornaram novas tradições, dentro de um local em que construir legados faz parte da história da própria instituição.





ROLA A BOLA

O esporte mais popular do mundo também está representado por uma turma animada no Iate Clube. A resenha ocorre sempre às quartas-feiras e aos sábados, uma tradição que já dura mais de 20 anos, segundo relata o vice-diretor da modalidade, Cesário Alves Costa.

As equipes são formadas de acordo com a ordem de chegada, anotada pelo vice-diretor; cabe a ele registrar o nome dos artilheiros para contabilizar na tabela compartilhada no grupo de WhatsApp. Para não perder o bom humor, aqueles que perdem os gols mais impressionantes recebem o título 'Yuri Alberto'. Sim, aquele jogador do Corinthians que proporciona lances inacreditáveis.

O bom humor e as brincadeiras tomam conta do grupo, que, claro, aproveita para discutir o futebol brasileiro e

cornetar os times. Para surpresa, os jogadores contam que boa parte dos sócios que participam do grupo torcem para o Botafogo. Contudo, não há motivo para preocupação: claro que os flamenguistas estão por perto, assim como os apoiadores de São Paulo, do Palmeiras e do último vencedor da Libertadores, o Fluminense.

Mas não só de futebol brasileiro vivem os atletas do grupo: camisas do PSG, Manchester United e das seleções de Portugal e Inglaterra também aparecem nos encontros. A paixão pela modalidade no Clube ultrapassa fronteiras e até conquista quem vem de fora, como foi com o embaixador do Sudão (*leia mais desta história nas próximas páginas da revista*).

No campo de futebol society, as partidas contam com sete jogadores de cada lado, e nas quartas, são voltadas para o pessoal acima dos 42 anos. No fim de semana, eles misturam para que os jogos sejam equilibrados. Outro detalhe: não é possível dar carrinho, tudo para manter o clima leve, sem brigas e nenhum volante bravo em campo.

Antes de entrar em campo, a resenha entre os jogadores flui naturalmente e os assuntos são os jogos da rodada e as partidas do passado, como os títulos do São Paulo na Libertadores, em 1992, 1993 e 2005. Depois das partidas, a resenha segue e, nas quartas, um dos atletas fica responsável pelo jantar. Assim, o cardápio é bem variado.

No fim do ano, eles fazem uma festa para celebrar a amizade. As famílias participam e o artilheiro da temporada é finalmente revelado. Uma turma que aceita quem joga muito, pouco ou quase nada, e é totalmente aberta a novos jogadores.



ATLETA E PIANISTA

Luis Otávio Miguel, de 17 anos, se divide entre a quadra de tênis, a academia e uma paixão recém-descoberta: o piano do Iate TV. O interesse pela música nasceu quando era criança em Goiânia. "Eu devia ter uns 10, 12 anos, por aí e comecei a fazer aula em um Instituto que tem lá e eu comecei a cantar no coral também", relembra.

Ao descobrir a existência de um piano no Iate TV, Luis Otávio, o Tota, voltou a tocar, e o interesse pelos acordes faz com que ele volte ao espaço praticamente todos os dias. As canções favoritas dele? "Van Gogh; eu não lembro bem quem é o autor, mas eu gosto muito, é a primeira que eu aprendi", relata.

A música traz benefícios ao atleta: ao tocar um instrumento, Tota conta que a atividade o ajuda na concentração exigida dentro das quadra. Ele ainda compartilha que se está em um dia estressante, nada melhor do que relaxar ao som de belos acordes.



NASCE UM ESCRITOR

Dentro do Iate TV, um espaço de encontro, estudo, leitura ou apenas para curtir uma preguiça assistindo qualquer canal televisivo. Um cenário que bem poderia estar nas linhas traçadas por Rubem Braga, mas que ganhou palavras nas mãos de outro escritor.

Rommel Castro é um artista que viu a história do Clube se desenhar no horizonte ao longo de mais de seis décadas de existência. Irmão do velejador Cezar Castro, ele relata que viu o lago encher e carregar na memória histórias e momentos do Iate e da náutica da instituição. A chegada ao Iate foi em 1960, quando tinha 8 anos.

"Eu fui sócio-atleta, defendi as cores do Iate em muitos campeonatos. Levei a bandeira do Iate para todo lugar que eu fui. O Iate é a minha vida", disse.

E foi um gesto de gentileza do irmão, já falecido, que motivou Rommel a começar a escrever. Um sócio contou que Cezar Castro teria apartado uma briga e, com gentileza, lidou com um personagem grosseiro.

"A sala já estava aquecida, com quatro mesas preenchidas, e o jogo da vida já havia começado. Em uma delas estava sentado o velejador, fazendo dupla com outra pessoa, enquanto na outra dupla estavam o aviador e sua esposa, em um ambiente tranquilo. Eis que chega à mesa o 'grosseiro', como de costume, aquele que sempre acredita ter razão." Essas palavras foram retiradas diretamente de o "Jogo da Vida, O aviador e a gentileza".

A partir do conto "O aviador e a gentileza", Rommel Castro se viu com uma missão: retratar de forma indireta as situações presenciadas no Iate TV. Mesmo sem citar nomes, ele conta que alguns leitores já pegaram a obra e tentaram identificar os frequentadores, gerando reações positivas até aos que foram mencionados.

O Iate é uma inspiração para Rommel, que ainda revela que está trabalhando em um livro com histórias da náutica.



O QUE A MÚSICA UNIU...

Toda quarta-feira, na parte da tarde, perto da Piscina do Feijão e em frente ao Iate TV, Carlinhos do Cavaco traz o violão elétrico, o cavaco e até o saxofone. Com um repertório bem nacional, o músico envolve os sócios em um clima leve e com belo visual do Lago Paranoá.

Conselheira do Iate e amiga do músico, Nídia Fernandes se alegra com a música de Carlinhos. Ela conta que as apresentações do artista se tornaram um ponto de encontro, e os sócios aproveitam para comemorar aniversários e celebrar a vida: "É onde a gente confraterniza, conta piada, joga conversa fora. É uma coisa bem descontraída, o sócio gosta".

PIANO TV

Aos 7 anos, Ricardo Ferrer começou a aprender os primeiros acordes do piano clássico quando ainda morava na cidade mineira de Itajubá. A música foi acompanhando Ricardo, que sempre participou de concertos, e aos 18 anos, veio a primeira grande apresentação: “O último que eu participei foi no auditório do centro acadêmico, porque a cidade é universitária, e tinha mil pessoas lá dentro. E a professora disse que eu ia fechar o concerto com a música de Chopin, o Noturno, número 7. Foi um sucesso, pois eu estava totalmente desenvolvido na música”.

Ferrer deixou Itajubá e passou 40 anos sem dedilhar uma nota sequer nas teclas da vida, até que, na década de 1980, uma das filhas começou a frequentar a Escola de Música de Brasília. Depois, passou para a Claude Debussy. Lá a filha incentivou o pai a estudar o órgão eletrônico. “A gente perde a prática, mas não esquece, e participamos de vários concertos na Sala Villa Lobos do Teatro Nacional”, relata.

Mesmo sem ter instrumentos em casa, a música procurou Ferrer mais uma vez. Na casa da filha, que era sua vizinha, havia um teclado, e o encontro foi uma felicidade. “Abri o Noturno, minha música favorita de Chopin, a mão foi certinha, mas não saiu nada”, sorri Ricardo, ao se lembrar do reencontro com a música.

Há uns cinco anos, Ricardo Ferrer descobriu a existência do Iate TV e, coincidentemente, foi quando começou a estudar no Clube da Bossa Nova. Por lá, pode aprender canções populares, como o repertório dos Beatles, mas mesmo com novas partituras, Chopin segue no coração do pianista: “Ele é o meu compositor favorito. Quando eu toco as músicas dele, eu entro na música porque ele é fantástico, ele compõe de forma que permite que você possa colocar a sua alma dentro da música”.

Ricardo Ferrer pega a partitura e mostra uma de suas músicas favoritas: “My Way”, que foi eternizada por duas interpretações diferentes e emocionantes, a de Frank Sinatra e Elvis Presley.

O pianista do Iate TV brinca que muitas vezes é chamado de maestro e quando frequenta o Clube aos finais de semana, busca o instrumento e convida os sócios que quiserem conhecer mais esse lado músico, basta manter os ouvidos atentos! Mas Ricardo Ferrer faz um alerta: “Só não posso tocar na hora do jogo do Flamengo”, conta, bem-humorado.



UMA RODA SEM COMEÇO E SEM FIM

Os atentos jogadores de buraco do Iate TV não sabem dizer quem começou o hábito da jogatina no local. Porém, o fato é: do carteadado nasceu um grupo de amigos que pode até perder a rodada, mas não perde a chance de tentar formar uma nova canastra (sequência de cartas do mesmo valor ou mesmo naipe).

Para Erles Gorini, o carteadado começou no ano passado, e ocupando quatro mesas, pela manhã ou à tarde, o grupo segue fortalecido. A turma se reúne todos os dias, segundo ele: “Eu venho e fazemos o jogo porque tem sempre o mínimo de quatro (jogadores).”

Entretanto, não são apenas as cartas que entretêm os jogadores: “Conversamos, lemos os jornais, as revistas... apreciamos o tempo, a vista para o lago. Tudo é muito importante para mim. Afinal, com 75 anos, é imprescindível ter uma atividade diária em um Clube em que eu me sinto em casa”. A jogadora ainda conta que o grupo se faz presente à noite em partidas no Bar da Peteca.

O aposentado Fernando Sardinha, de 72 anos, frequenta o Iate há aproximadamente três anos e compartilha a experiência do carteadado. “Descobri esse recanto aqui [Iate TV]. Sou psicólogo e realmente essa atividade de jogar canastra, como é chamado na minha terra, é um ‘fazedor’ de amigos e também de contemplação da beleza que o Clube proporciona com esse lago e esse céu”, afirma.



O carteadado é uma tradição no Iate TV. Os grupos se encontram pela manhã ou à tarde.

AO MESTRE, COM CARINHO

Um pouco da história de um Iatista célebre que faz parte de uma família que tanto fez e faz pelo Iate Clube

Há 62 anos, George Raulino chegava ao Iate Clube de Brasília. Naquele tempo, a capital apresentava poucas construções, muita terra e um lago que ainda ganhava os primeiros contornos.

Velejador, ele participou de várias regatas e, mesmo dizendo que o irmão Guilherme velejava melhor, se aventurou em campeonatos, construiu um legado dentro da instituição, que, praticamente, viu florescer e contribuiu para o seu crescimento.

Quase quatro décadas depois de pisar pela primeira vez no Iate, Raulino assumiu em caráter definitivo a comodoria e marcou um período com uma administração direta e extremamente respeitada.

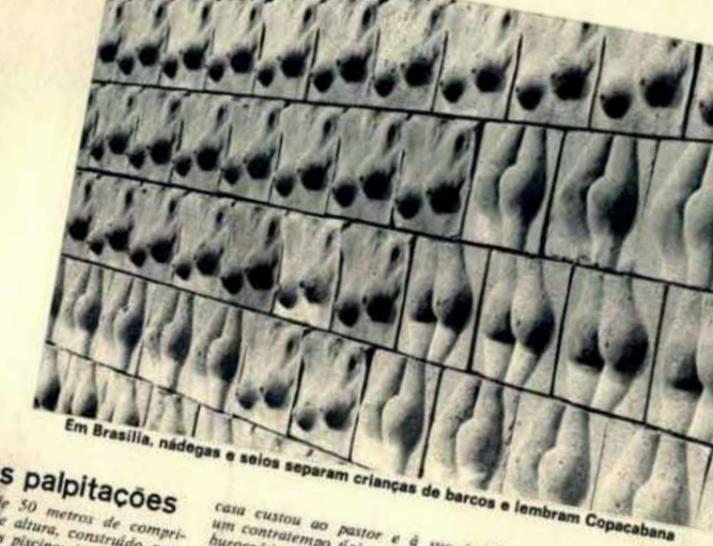
A criação da Escola de Vela do Iate foi uma iniciativa de George Raulino, que contou com o apoio de John Aune e Onísio Ludovico, comodoro nos anos 1970. De um projeto surgiram os primeiros 20 barcos,

fabricados dentro do próprio Clube. Um dos alunos da primeira turma foi Marcello Katalinic, o Ziga, que contou como foi o início da escolinha na **Revista Farol** número 100.

Pai de quatro filhos, dois deles hoje estão envolvidos diretamente com a vela. Gustavo é diretor da modalidade e, atualmente, pôde celebrar o fato de que os velejadores colocaram o Iate entre os cinco melhores clubes do país e Gabriel, professor da classe Optimist, onde os atletas do futuro começam a conhecer esse esporte.

O envolvimento com a vela ultrapassou as barreiras do Iate e fez de George Raulino um dos presidentes da Federação de Iatismo. No entanto, quando perguntado sobre a contribuição dele no esporte, no sentido de que o Iatista teria sido responsável por organizar o esporte no DF, bem, ele nega. “Acho um exagero, eu não organizei a vela no DF. Eu sempre tive uma função; depois que voltei do mestrado no Rio, fui diretor de vela em 1970, quando eu tinha 25 anos.”





Muro das palpitações
Um muro de 50 metros de comprimento por 3 de altura, construído para separar as novas piscinas infantis da garagem de barcos, ameaça a paz política do Iate Clube de Brasília. Ornamentado com nádegas e seios moldados em baixorrelievo, que formam, vistos de longe, um desenho abstrato, parece, aos associados mais conservadores, motivo suficiente para impedir a reeleição do comodoro Onísio Ludovico, em março do próximo ano.

Ludovico se defende: "Suas filhas são lindas e ninguém vê mal nisso". E o arquiteto Luís Carlos da Cunha, responsável pelo muro, invoca a nostalgia dos brasileiros pelas praias cariocas para explicar seu trabalho: "Copacabana não é aquilo que está no painel?"

E. Mas com muito mais vida.

Uma morte perigosa
O pastor protestante Miguel Elias de Siqueira saiu de sua casa no Alto de Pinheiros, em São Paulo, para comprar um café na noite de terça-feira da semana passada, mas, quando voltou, encontrou a porta acidentalmente trancada por demora. Depois de algum tempo, sentiu-se mal e morreu. Foi encontrado pelos familiares na manhã seguinte. No entanto, morreu a meio metro do chão de sua casa.

Medalhas caras
Durante muito tempo, a Honra Cândido Rondon vem sendo atribuída a alguns interessados em mentar as próprias lapelas. Foi em junho, pelo governo, "por atividade contrária à moral", por Fortaleza, Ceará, Antônio Espinosa. Melo continuou a fazer negócios até a semana passada, revelou que seus parentes, no Rio, apontou o nome de seu filho, o Quartel, que costuma ser conhecido por suas virtudes de polígrafo. Indignado: "Não conheço a medalha em uma solenidade". De qualquer forma, a Legião pareceu ser a primeira, por se tratar de uma medalha; e o prêmio não é tão alto. Os latino-americanos, podem receber comendas legítimas p...

N.º 215 - 18/10/72

VELA

Qual a origem do amor pela vela da família Raulino? Seria o pai? George Raulino explica que o pai contribuiu ao se tornar sócio do Iate em 1962 e presentear os irmãos com um snipe. Anos mais tarde, na gestão de Onísio Ludovico, "meu pai comprou um título familiar para mim e outro para o meu irmão, e depois meu pai não quis mais frequentar o Iate [na década de 1970] e eu vendi esse título para o então Comodoro [Luiz André Almeida Reis], que é meu amigo, foi meu aluno e meu sócio por muitos anos".

"Meu irmão teve muito mais performance na vela do que eu porque ele escolheu fazer economia, eu engenharia. Então as dedicações são completamente diferentes", disse George, que ainda pontuou que não veleja mais nos tempos atuais por não ter o mesmo equilíbrio de antes.

Mesmo que existam relatos que apontam George como um dos responsáveis pela criação da Escola de Vela no

Iate, a versão dele é mais inclusiva. Ele faz questão de distribuir os créditos, incluindo Onísio Ludovico, que contribuiu para que a iniciativa desse certo.

Natural de Goiás e depois deputado pelo estado dele, Ludovico, como explica Raulino, não tinha noção de náutica. Todavia, "eu o convenci que o Iate precisava de uma academia de vela para as crianças, então, ele 'bancou' a ideia e John Aune conseguiu os planos do barco e começamos a construir e fizemos 20 barcos [optimist] de madeira".

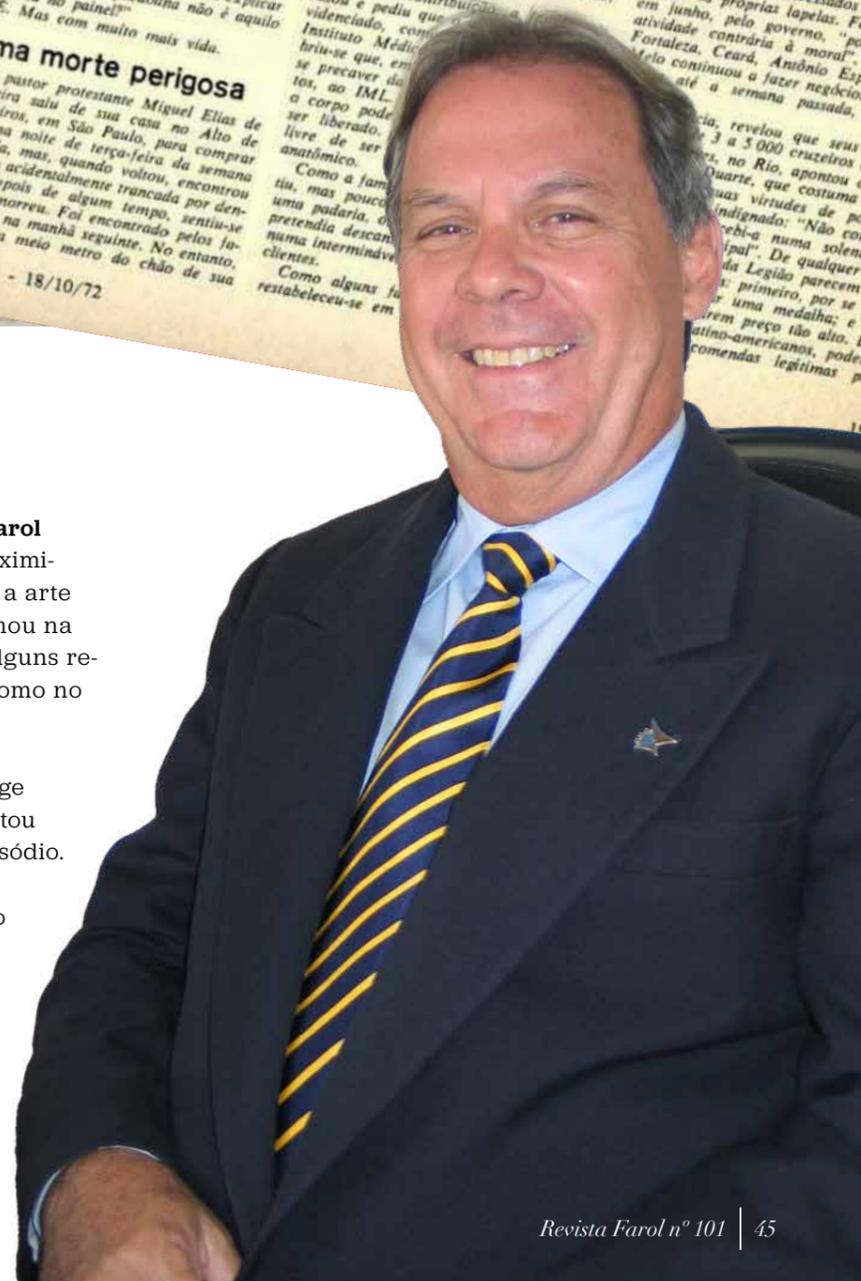
A classe Optimist começou no Brasil em três cidades, quase de forma simultânea, como aponta Raulino, "no Rio, em São Paulo e aqui". No entanto, a maior dificuldade não foi o projeto, mas sim conseguir os materiais ideais para a construção. "Eu saí Brasil afora. Fui a Santa Catarina, comprei o compensado à prova d'água, fomos ao norte de Brasília para comprar madeiras, fui a Porto Alegre comprar ferragens e fizemos os mastros aqui. Construimos cinco barcos e depois seguimos construindo com auxílio do Tomás, um marceneiro de mão cheia. E esses barquinhos duraram até cinco anos atrás".

O POLÊMICO MURAL

Uma das matérias da edição 100 da **Revista Farol** abordou a história do mural instalado nas proximidades da piscina infantil. Polêmico na época, a arte do arquiteto Luís Carlos Cunha quase manchou na gestão de Onísio Ludovico, de acordo com alguns relatos da época registrados nos periódicos, como no Jornal do Brasil.

Em 1972 quando o mural foi inaugurado, George Raulino, frequentador assíduo do Iate, aproveitou para compartilhar as lembranças daquele episódio.

"O Onísio era uma pessoa que tinha uma visão muito ampla e inovadora. Ele contemplou um artista e foram feitos os moldes de fibra de vidro, e o pessoal mesmo do Iate foi fazendo o mural, que mais da metade dele já foi retirado. Era uma coisa imoral e isso repercutiu na imprensa, como vocês noticiaram [na Revista Farol]."





HISTÓRIAS CURIOSAS

UMA SALA E DOIS COMODOROS

No gabinete do comodoro, no fim de uma manhã, o encontro entre os dois amigos ocorreu. De um lado, Luiz André e, de outro, George Raulino. Um momento memorável em que ambos compartilharam recordações vividas dentro do Iate e graças ao Clube.

O atual comodoro aproveitou o ensejo para atualizar George das novidades do Clube, dos possíveis novos parceiros e das inovações que devem ser implementadas logo mais. Contente sobre o que ouviu, Raulino pontua: “Foi a partir do tempo de Onísio Ludovico que o Clube começou a ter um orçamento mais generoso, que permitiu construir a sede social. E cada um foi fazendo um pouquinho e mantendo paralelamente toda a atividade

social, de modo que se transformou no que temos hoje. É impressionante pensarmos que isso foi feito grão por grão até construir esse imenso complexo esportivo.”

Uma das iniciativas para seguir desenvolvendo a fábrica de campeões do Iate é a busca por patrocínios, e, recentemente, o Iate começou a trilhar o caminho das leis de incentivo ao esporte. Essa é uma legislação encontrada a nível nacional, via Ministério dos Esportes, e distrital, pela Secretaria de Esportes: “Aprovamos no ano passado três projetos pela lei federal, um para o tênis e dois para a vela.”

A partir da aprovação do projeto, abrem-se as possibilidades para a segunda etapa, a busca de fato pelos patrocinadores, e esse momento exige dedicação e muito trabalho de relacionamento com possíveis parceiros. “Não basta aprovar o projeto, você precisa ter sucesso na captação”, explica Luiz André Almeida Reis.

Em 1963, George Raulino embarcava para Porto Alegre para disputar um campeonato brasileiro de vela. E como ele mesmo narra: “Estava começando a velejar e os snipes tinham bolina, que é uma lâmina de ferro. No Brasil, só eu e os tios do Torben Grael em Niterói tínhamos. Nós levamos a bolina, que tinha o tamanho dessa mesa [quase três metros], e naquela época, tínhamos um certo prestígio com a aeronáutica e eles levaram a gente, uns oito velejadores do Iate, em um DC-3 da FAB. Eu fui como proeiro do Sampaio [Álvaro, um dos fundadores do Clube]. Foi o meu primeiro campeonato nacional, e eu levando aquela bolina enorme debaixo do braço. E a tripulação era eu, o Sampaio como timoneiro, e foi o primeiro campeonato nacional que eu participei no Clube Veleiros do Sul em Porto Alegre”.

“Eu me lembro que, velejando, nós encahamos e eu fui arremessado para frente e tive um corte, e o Sampaio desistiu do campeonato. E com esse negócio de levar aquela bolina debaixo do braço para cima e para baixo naquele avião da FAB, passei a ser chamado aqui no Iate de ‘menino bolina’. E o Sampaio sempre me chamava de ‘menino bolina’ e eu o chamava de ‘senador’ porque todo mundo lá em Porto Alegre achava que ele era senador por morar em Brasília.”

Mas a viagem para a capital gaúcha ainda reservou mais uma memória perigosa e divertida: “O DC3 não era pressurizado e um dos nossos velejadores, o Carlinhos, mexendo na saída de emergência, abriu aquele negócio e foi aquela correria. Eu me lembro que eu agarrei o Carlinhos para que ele pudesse agarrar a porta, foi um perrengue danado.”

Na volta para Brasília, teve gente que duvidou que a Força Aérea Brasileira iria mesmo dar uma carona para oito velejadores: “No aeroporto de Porto Alegre, na parte da FAB, nós chegamos para pegar o avião e os caras falaram: ‘você estão malucos, ninguém vai vir pegar vocês aqui.’ E daqui a pouco chegou o avião para pegar os velejadores do Iate Clube de Brasília. Essa foi a minha primeira experiência fora de Brasília na vela.”

Luiz André aproveitou para compartilhar uma história de um certo herói olímpico, Torben Grael, medalhista em cinco das seis participações em Olimpíadas. O início da jornada no esporte contou com um barco que foi de George Raulino e adquirido pelo velejador, o snipe de número 12.296.

“

... com esse negócio de levar aquela bolina debaixo do braço para cima e para baixo [...], passei a ser chamado aqui no Iate de ‘menino bolina’.”



“**E**le começou a treinar com 16 anos na classe snipe aqui e corria com um rapaz, cujo apelido era Cupim, o Eduardo Mascarenhas. Eles se classificaram para disputar o Campeonato Mundial Júnior, em San Diego. Outro dia, no ano passado, ele esteve aqui em Brasília para correr uma regata comigo e fomos visitar um negócio em Planaltina, na véspera da regata, e na volta, ele virou para mim: ‘o Hely Walter Couto ainda está vivo?’ Respondi: ‘Está, Torben, e vai fazer 98 daqui a pouco, ele está lúcido e de vez em quando aparece no Clube’. E ele me contou que tem uma dívida de gratidão com Hely Walter Couto. Eu não sabia dessa história, ele nunca tinha me contado isso. E ele disse que outro dia estava fazendo uma retrospectiva da carreira e quando conseguiu a classificação para o mundial, não tinha dinheiro para nada e não iria para o campeonato. E o Hely, como comodoro do Clube, bancou todas as despesas”.

Torben ainda contou que foi o ex-comodoro que “deu dinheiro para comprar um mastro novo”. Com o apoio de Hely Walter Couto, o resultado foi vencedor e está no currículo de Torben Grael: título no campeonato da classe snipe em 1978.

O atual comodoro segue narrando a história: “Foi o primeiro título mundial dele e ele falou que aquilo certamente o fez continuar e acreditar na capacidade e impulsionar a carreira dele. ‘Eu devo isso a ele’”, disse Torben, e eu fiquei emocionado quando o ouvi dizendo isso”.

Foi ali que Torben Grael fez um pedido a Luiz André: o duas vezes campeão olímpico queria encontrar com Hely para agradecer pessoalmente a importância que o ex-comodoro teve na carreira do velejador. E assim aconteceu.

Após a premiação da regata realizada no Iate, Hely Walter Couto se encontrou com Torben Grael, que pôde agradecer pessoalmente o apoio que mudou a direção da sua história. Como resultado, o país pôde celebrar as conquistas do maior atleta da vela e que ainda segue envolvido como técnico da seleção brasileira e pai da bicampeã olímpica na classe 49er, Martine Grael.



“**Foi o primeiro título mundial dele e ele falou que aquilo certamente o fez continuar e acreditar na capacidade e impulsionar a carreira dele.”**

“**Quer dizer que você vai me largar aqui nos fins de semana e vai para o Clube velejar?”**



A próxima história é contada também pelo atual Comodoro. “Eu tinha 20 poucos anos e nunca tinha velejado. O pai vivia contando histórias dele como escoteiro do mar em Niterói. Na época, eu ganhei um dinheirinho e pensei: ‘vou comprar um barco para o meu pai, ele fala tanto nisso’. Eu procurei o Iate, pois era um local de barcos, isso em 1973, e eu já estudava engenharia mecânica na UnB e o meu professor de algumas matérias lá se chamava George Raulino, era o durão da UnB. Cheguei no Iate e pedi para ir até a Náutica, e o galpão tinha apenas um cimentado e nada mais. Lá eu perguntei com quem eu poderia falar sobre um barco, e me indicaram para falar com o diretor Náutico no galpão e eu fui procurando e veio do escuro uma pessoa com a cara fechada, e eu disse: ‘estou procurando o diretor’, mas reconheci aquele rosto e perguntei: ‘professor, é você?’”

Por mais que tenha sido estranho ter um aluno

procurando por George no Clube, ele indicou um barco para que Luiz André comprasse.

“Cheguei em casa e anunciei a grande novidade na frente do meu pai e da minha mãe. ‘Pai, olha, juntamos os irmãos aqui e compramos um barco para você, um snipe, era bonitinho para caramba’. Ele escutou, minha mãe olhou e disse: ‘quer dizer que você vai me largar aqui nos fins de semana e vai para o Clube velejar?’ Ali, ele desistiu e nunca veio ao Clube ver o barco”.

A recusa do pai virou uma oportunidade. Com um barco disponível, coube a Luiz André aprender a velejar com a ajuda de Raulino e “fiz uma vida de velejador e, até hoje, a gente brinca”.

Em pouco tempo, o velejador Luiz André conseguiu se classificar para os Jogos Pan Americanos em 1975 e voltou para casa com uma medalha de prata.

ESCOLA CANADENSE DE BRASÍLIA: FORMANDO LÍDERES PARA O FUTURO

Em praticamente 20 anos de atuação na capital, instituição visa formar líderes preparados para pensar e propor soluções aos dilemas contemporâneos



Reconhecida como uma das principais instituições educacionais que oferecem o ensino bilíngue no país, a Escola Canadense de Brasília apresenta às famílias um programa robusto voltado à formação socioeducacional de estudantes de 3 anos até a conclusão do ensino médio (high school). No Distrito Federal, a escola foi fundada em 2005 e, atualmente, conta com duas unidades: uma no Sudoeste e, outra, em Águas Claras.

Um dos principais diferenciais, de acordo com o diretor da Escola Canadense de Brasília, Vitor Ramos, é ser um colégio certificado pelo International Baccalaureate® (IB) no programa Primary Years Programme (PYP), que corresponde à educação infantil e ao ensino fundamental anos iniciais do Grade 1 ao Grade 5 (1º ano ao 5º ano). E IB Candidate School (Escola Candidata) no programa Middle Years

Programme (MYP) para Grade 6 (6º ano) e Grade 7 (7º ano).

Ter a língua inglesa como segundo idioma é mais uma especificidade da escola: “Diferente de outras instituições que oferecem um programa bilíngue, a Escola Canadense de Brasília tem um programa de imersão em inglês. Desse modo, as disciplinas, como matemática e teatro, são aplicadas em inglês, fazendo com que o estudante aprenda não só a falar a língua, mas também a pensar em inglês”, afirma o diretor. O espanhol também faz parte da grade dos estudantes, e o francês é opcional a partir de 4 anos de idade.

O currículo escolar acompanha os parâmetros da Base Nacional Curricular Comum, além de seguir a tendência encontrada e discutida mundialmente: a metodologia STEAM. A sigla em inglês significa “Science, Technology, Engineering, Arts e Mathematics”. Com

esse método, a aprendizagem nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia, artes e matemática ganharam novos atrativos, deixando o jeito antigo de ensino completamente desatualizado.

Inovador e com foco no acolhimento, a missão da Escola Canadense de Brasília é formar alunos questionadores, comunicativos, prontos para realizar descobertas e apaixonados em aprender. Complementando o currículo, os estudantes ainda podem escolher atividades extracurriculares, como gastronomia, robótica, música e teatro, xadrez e esportes, como judô, futebol, futsal e basquete.

“Um dos motivos para nossa existência é para construir um legado e, dentro da escola, o nosso legado são nossos alunos”, diz Vitor Ramos. Ele complementa: “Queremos formar líderes e não chefes, que mandam e estão à frente; já o líder é quem constrói junto e conduz seu grupo de uma forma mais positiva”.



ESTUDANTES GLOBAIS

Design thinking é uma das ferramentas que ganharam popularidade pelo jeito das startups, empresas de base tecnológica espalhadas por todo o mundo, resolverem problemas. Esse método é usado para estimular ideiação e perspicácia ao abordar problemas, relacionados a futuras aquisições de informações, análise de conhecimento e propostas de soluções.

A metodologia faz parte do conhecimento ensinado nas salas e aplicado pelos estudantes, seja no espaço maker, seja em vestibulares. “A instituição também é uma escola de resultados”, afirma.

Contudo, os estudantes do ensino médio ou da high school, paralelamente, podem ter dupla certificação (brasileira e canadense), viabilizada pelo parceiro Columbia International College, de Ontário, Canadá.

A partir da dupla certificação, o currículo dos estudantes da Escola Canadense de Brasília ganha uma vantagem extra no momento da aplicação para provas em instituições de ensino superior fora do país.

“Fazemos parte da ‘Inspira Rede Educadores’, que impacta mais de 50 mil alunos pelo país, e uma das vantagens é ter o suporte de plataforma como a ‘Daqui para Fora’, que presta uma consultoria para os nossos alunos que desejam seguir a vida acadêmica no exterior”.



PROCESSO ADMISSIONAL

Aos pais ou responsáveis interessados em matricular os filhos na Escola Canadense de Brasília, é preciso ter ciência que o aluno realizará uma prova, em um primeiro momento, e, logo depois, o candidato passará por uma entrevista com a coordenação da instituição.

Após ser aprovado para ingressar na instituição, o estudante recebe acompanhamento e tem um tempo para adaptação. “Tudo é pensado para que processo garanta o ingresso de alunos com o perfil esperado, ou seja, pessoas que sejam comunicativas e prontas para lidar com desafios”, finaliza.

UNIDADES

Escola Canadense de Brasília

Unidade Sudoeste

Endereço:

SIG Quadra 8, Lote 2225, Parte F • Brasília - DF

Celular / WhatsApp: +55 (61) 9276-4957

Telefone Fixo: (61) 3961-4350

Unidade Águas Claras

Endereço:

QS 05 Av. Areal, Lote 04 • Águas Claras - DF

Celular / WhatsApp: +55 (61) 99107-1393

Telefone Fixo: (61) 3247-1130



A GENTE

Cresce

JUNTO

PARA REALIZAR

AS SUAS CONQUISTAS

O BRB trabalha para que você tenha sempre a melhor experiência e soluções que atendam todas as suas necessidades. É assim que crescemos junto com você. Porque só um banco completo e presente na sua vida pode estar com você em cada passo rumo às suas conquistas.



ABRA
SUA
CONTA

banco
BRB

brb.com.br

CIATE: UM CASO DE AMOR E UM CASE DE SUCESSO

Em 1996, na gestão de Ennius Muniz, o Iate Clube tirou do papel e tornou realidade um programa dedicado aos filhos dos associados, para valorizar a cultura da família na instituição. Nasceu assim o Ciate, centro infantojuvenil do Iate, um espaço pedagógico que incentiva crianças e adolescentes iatistas, de 4 a 13 anos, a conhecer a instituição, colocar os estudos em dia e ainda iniciar o bom hábito da prática esportiva.

O ARQUITETO

O prédio do Ciate foi desenhado por Tony Malheiros - inclusive, uma placa com o nome do arquiteto está na porta da secretaria. Os traços do profissional também fazem parte de outros locais do Iate, assim como os anteriores, e o projeto do centro foi doado para o Clube.

Sócio e frequentador do Iate desde 1966, enquanto ainda era universitário, Malheiros retornou ao Ciate em 2024 para rever de perto como o espaço projetado por ele foi sendo ocupado ao longo das décadas.

Contudo, antes de falar do Ciate, o arquiteto conta como começou a participar dos projetos do Clube. “Sempre participando dos esportes e aconteciam as discussões, e eu ia dando a minha opinião. Vim de lá para cá prestando aconselhamento e executando o serviço desde 1970, quando fiz o primeiro projeto”.

Malheiros se mostra satisfeito em contribuir com o Iate e diz: “É como se fosse a minha casa. Todos os projetos que fiz aqui foram doados, pois sempre me considereei um morador”.

A localização do Ciate é estratégica, pois está próximo ao Serviço Médico, ao ginásio dos esportes, às piscinas e de outras modalidades do Clube, facilitando o deslocamento das turmas. “A família - isso aqui é muito importante - precisava estar em um lugar maravilhoso, com condições maravilhosas”, disse o arquiteto, que participa das discussões para melhorar a infraestrutura do centro.

A intenção, de acordo com Malheiros, é “fazer o palácio das crianças que, na realidade, vira o palácio da família”. E completa: “Isso é a coisa mais importante para a família do Iate”, defende.



O PRIMEIRO PRESIDENTE

Na passagem pela comodoria, Ennius Muniz propôs e instituiu o Ciate. A intenção daquela gestão, em 1993, era reunir a família dentro do Iate e reviver a primeira década de vida do local quando havia muitas crianças no Clube, como pontua o ex-comodoro. “Tanto que a minha primeira obra no Clube foi o toboágua, porque atrás das crianças vinham avós, tios e, em seguida, com essa demanda de crianças no Clube, eu percebi que precisava fazer algo a mais que o toboágua”, disse.

Após a construção e o sucesso do toboágua, Muniz percebeu que era preciso dar outros passos. “Então criamos um complemento da própria educação escolar e da própria educação de casa”.

Quase três décadas depois, o fundador da iniciativa percebe que o centro extrapolou a sua razão de existir: “Nós conseguimos pessoas maravilhosas e o grande exemplo é a Fátima [Dantas], que está aqui desde a fundação e foi regando ano a ano. O Ciate virou um esteio do próprio Iate, porque as crianças que passaram por aqui há 28 anos são hoje amantes do Clube”.

O BERÇO DA FAMÍLIA

A ideia que o Ciate quis transmitir aos sócios nos primeiros anos era para agregar o berço da família ao desenvolvimento pedagógico, ao esporte e aos valores da família. “Esse era o meu objetivo naquele momento e era preciso fazer dar certo”, conta Márcia Muniz, presidente de 1999 a 2001.

A ex-presidente relata que o foco era voltado além das questões de gestão. A intenção era unir pessoas em torno do projeto para fortalecer o centro e agregar pessoas. “Queríamos pessoas com bons sentimentos e trazer esse berço, essa história de família, o jeito da escola, com o esporte e esse temperinho do bem misturado com o processo educacional”, reforça.

O tempero implementado por Márcia Muniz deu o tom para que o Centro caísse no gosto do sócio do Iate. Confiante com o programa, o Ciate foi se fortalecendo ano após ano, principalmente com as respectivas contribuições dos gestores que estiveram ocupando a cadeira da presidência.

EDUCAÇÃO

O “DUAS VEZES” PRESIDENTE

Por duas vezes, George Raulino foi presidente do Ciate. Com a experiência de comodoro e vice-comodoro, o engenheiro mecânico e professor da UnB esteve à frente do programa: “Sempre vi o Ciate como uma iniciativa privilegiada para o Clube”, diz.

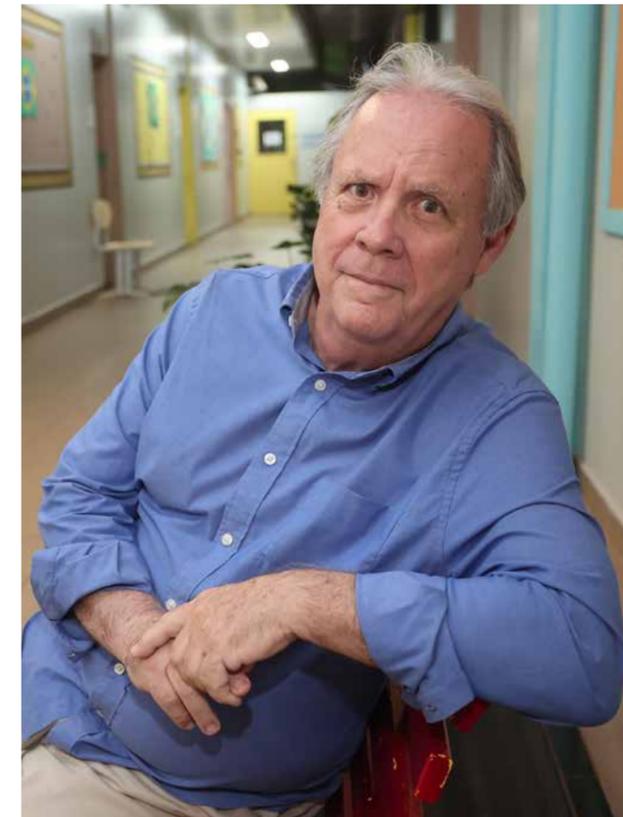
Enquanto comodoro, Raulino precisou tomar decisões importantes para equilibrar as contas no Ciate, e ele também se lembra de duas nomeações necessárias que fez: a professora Fátima Dantas, conhecida no Clube como Tia Fátima, se tornou gerente do centro e Nilton Silva assumiu a superintendência do Iate.

E foi na gestão de George Raulino que foi criada a colônia de férias de verão, realizada em janeiro. Naquela época o Clube organizava uma colônia em julho, chamada de “inverno”.

A inserção da vela na colônia também foi uma contribuição de Raulino enquanto presidente do Ciate. O ex-presidente acredita que o maior feito foi defender a continuidade do Centro. Mais uma mudança proposta foi abrir o programa para os filhos dos funcionários frequentarem. “Eu segurei a barra, e a Fátima tocava muito bem, eu resolvia as questões para que o Ciate não fosse afetado por qualquer posição política dentro do Clube”.

A visão de gestão de Raulino é elogiada e reconhecida pela família Iatista. Tia Fátima acredita que é o ‘jeito’ americano dele em enxergar as situações. No entanto, o ex-comodoro tem outra visão: “O Clube tomou um choque de gestão quando o Ennius entrou. Antes dele, praticamente todos os comodoros eram funcionários públicos, e o funcionário público tem uma visão diferente de um empresário. Têm pessoas que acham que o Clube tem que ser clube-empresa. Mas na verdade não precisa, tem que ser um clube bem administrado, tem que ser um clube social e esportivo. Essa é a minha visão”.

“ Eu resolvia as questões para que o Ciate não fosse afetado por qualquer posição política dentro do Clube.”



“ O Centro ajuda a cuidar dos seus filhos e dá ensinamentos, traz valores e ajuda na formação das suas personalidades.”



EDUCAÇÃO



ENGRANDECER O ESPORTE

À frente do Ciate de 2014 a 2016, Luciano Mancuso relembra que esse foi um período conturbado no Iate, pois a eleição para a comodoria terminou empatada e quem deu a palavra final foi a Justiça. Vitória confirmada, Edison Garcia pode assumir a gestão do Clube, e foi o vice comodoro na época, Rodrigo Roriz, quem fez o convite a Mancuso. “Eu tinha vontade de vir para cá porque talvez eu tenha tido uma situação diferente, meu filhos já estavam no programa”, relembra.

Naquela época, o ex-presidente narra que as atividades esportivas do programa eram vistas como recreação e essa ideia se consolidou como uma realidade dentro do Clube: “Foi uma coisa que eu e a Fátima [Dantas] batalhamos para tentar mudar. Fizemos uma integração com outras turmas, como, por exemplo, da patinação do Ciate com a escolinha”.

Com a integração, os alunos do programa começaram a ser mais competitivos nos esportes e isso ajudou a mostrar uma ideia simples que Mancuso tinha: “Qualquer escolinha deveria começar pelo Ciate porque aqui tem criança e elas são a base das turmas”, disse.

Mais um dos feitos da gestão de Mancuso foi a implementação das aulas de robótica. “Ninguém precisa saber que fui eu, mas é algo que me faz bem, saber que eu pude trazer essa contribuição para o Ciate”, declarou.

Mancuso se emociona ao lembrar de mais uma história de sua passagem na presidência do Ciate. O antecessor, Pedro Gualberto T. César, fez um pedido. “Ele [Pedro Gualberto] me falou: ‘Olha, você tem uma missão, engrandecer o esporte do Ciate’”, contou Mancuso, que se alegra em saber que a mudança iniciada na gestão dele segue dando bons frutos. Em 2024, o time de futsal, categoria sub-7, do programa ficou em terceiro na Copa Marista da modalidade.



“ELAS NOS ENSINAM MUITO”

Enquanto comodoro, Edison Garcia, atual presidente do Conselho Deliberativo, precisou tomar uma decisão importante: tornou-se, ao mesmo tempo, presidente do Ciate e do Conselho. Ele traz consigo memórias especiais do tempo em que esteve à frente do Centro. “Elas [crianças] nos ensinam muito, na sua ingenuidade e pureza, então, era muito gratificante acumular as funções da comodoria com a de presidente do Ciate, vivendo de perto a gestão do Ciate”, pontua Garcia.

O programa possibilita a valorização da relação social do Clube, explica Garcia: “Você não só dá suporte para as famílias e para gente é muito importante conhecer de perto as crianças, ter uma convivência com a família, trazer a visão de valores familiares, então realmente foi para mim uma experiência muito gratificante”.

A fala de Edison Garcia remete a algo facilmente identificado: os professores do Ciate apresentam uma sensibilidade diferenciada, pois conhecem cada aluno, e essa personalização no atendimento traz uma resposta muito positiva para o programa.

Falando em interação, Garcia se emociona ao lembrar de quando as crianças fizeram uma tarefa passada pela Tia Fátima, elogiada pelo atual presidente do Conselho pela capacidade técnica e dedicação e amor pelos alunos e pelo Ciate.

“Teve um ano que a professora Fátima pediu que as crianças escrevessem algo para mim, como comodoro. A tarefa era relatar como eles viam o comodoro, e as mensagens foram muito interessantes, na visão das crianças, do que é o executivo do Clube”.



A DEDICAÇÃO E O AMOR

João Lima Bastos ocupa o cargo de presidente do Ciate desde 2017. Com todos os desafios e munido pelo amor pelo Centro, ele se dedica a cuidar da iniciativa nascida no início dos anos 1990. “O Ciate é a menina dos olhos do Iate e precisa ser visto com muito carinho e respeito por todos que já passaram por aqui e pelos sócios”.

Sócio desde 1990, o advogado João Lima Bastos ocupou cargos de diretoria e foi eleito conselheiro. Atualmente, segue atuando no Conselho Deliberativo, agora como conselheiro nato, e aceitou o desafio de presidir o Ciate, durante a gestão do comodoro Rudi Finger, e desde então seguiu no cargo.

“Foi um imenso prazer enfrentar esse desafio de comandar o Ciate, depois de tantos ilustres Iatistas comandarem com esmero e carinho este Centro Infantojuvenil do Iate. Então resolvi doar um pouco do meu tempo na continuação do trabalho para as queridas crianças”, relata.

A filosofia do atual presidente é buscar parcerias e soluções economicamente viáveis, para que as ações tenham “custo mínimo ou sem custo, sem privilégios e sem gostar de aparecer”. Vale destacar que, com esse ideal, os eventos do Ciate seguem em alta e, no último mês de janeiro, o Centro realizou uma das maiores colônias de férias, em termos de participação das crianças.

O presidente ainda destaca o legado que o Ciate proporciona ao Clube destacando que já temos a terceira geração de sócios que passaram pelo centro. São crianças, pais e avós que a décadas protagonizam as atividades do Iate. “Quem passa pelo Ciate ama esse Clube”, ressalta.

O sucesso do programa passa também pelo trabalho dos profissionais, e João Lima Bastos agradece a confiança dos pais e responsáveis e elogia a equipe do Ciate: “Registro meu agradecimento aos responsáveis por fazer e garantir o Ciate funcionar perfeitamente, à querida gerente educacional Fátima Dantas e à carinhosa equipe de professores e colaboradores do nosso inesquecível e querido Ciate”.



LYDIA DAZA | MARIA GORETE | SIMONE SARMET

IATE CLUBE DE BRASÍLIA

Abertura **17 Out** às 19h | Visitação até **27 Out**

REALIZAÇÃO:
DIRETORIA CULTURAL

banco
BRB



IATE. UM CLUBE QUE VIVE A SOLIDARIEDADE



Há 20 anos, a arquiteta Eliete de Pinho Araújo trouxe uma ideia para o Iate Clube: um projeto solidário para levar o bem ao próximo dentro do Emiate - Encontro Master do Iate, programa direcionado aos sócios com idade acima de 50 anos. De lá para cá, a veia solidária ganhou novos contornos e mais adeptos.

O 'Amigos Voluntários', projeto proposto por Eliete, presidente do Emiate, segue firme. A proposta chegou a passar por alterações ao longo dos anos, mas a intenção é reunir doações e direcioná-las para instituições cadastradas pelo Clube.

As doações são resultado do movimento dos sócios que levam contribuições como cestas básicas ou dos materiais esquecidos há mais de três meses do Perdidos e Achados do Iate. Toalhas, chinelos, chapéus, óculos de sol e até itens curiosos como um carrinho de bebê estão entre os objetos direcionados ao Emiate para se tornarem doativos a lares que prestam assistência a idosos ou crianças do Distrito Federal.

"O projeto nasceu comigo há 20 anos e é uma grande satisfação", define Eliete de Pinho. A presidente do Emiate narra que os 'Amigos Voluntários' foi se adaptando ao longo dos anos, mas o formato atual é a triagem das doações e o convite a duas instituições cadastradas para fazer a retirada dos doativos.

FESTA JUNINA

A partir do sucesso do projeto Amigos Voluntários, o Clube replicou a fórmula em grandes eventos sociais. Um grande exemplo está na tradicional festa junina do Iate que, a cada ano, conta com um público fiel entre os sócios e o público brasileiro.

Sendo assim, a Diretoria Social fez uma parceria com o Governo do Distrito Federal para arrecadar casacos, luvas e roupas para aquecer pessoas em situação de vulnerabilidade. A ação coordenada internamente com o Emiate atendeu milhares de pessoas.

S.O.S RIO GRANDE

Diante dos acontecimentos no Rio Grande do Sul, o Iate lançou uma campanha solidária para arrecadar donativos e fundos em socorro aos moradores do estado que foram impactados pelo transbordo dos rios.

O Iate recebeu doações de roupas, agasalhos, sapatos, kits de limpeza, kits de higiene pessoal, cestas básicas e alimentos não perecíveis para enviar ao povo gaúcho com o apoio da Força Área Brasileira e do Corpo de Bombeiros do DF. Como parte da ação, o Clube abriu uma conta no BRB para angariar fundos para direcionar os recursos para organizações idôneas. O processo foi transparente e coordenado pelo banco. Além disso, contou com a supervisão da Comissão Fiscal do Conselho Deliberativo. Ao fim da campanha, o Clube entregou três caminhões cheios com as doações dos sócios.



Ao todo, o Iate In Concert já arrecadou mais de 120 toneladas de alimentos que foram direcionadas para pessoas em situação de vulnerabilidade.

COLÔNIA DE FÉRIAS

Ser solidário é algo que se aprende desde cedo no Clube, com o Centro Infantojuvenil do Iate, que oferece um riquíssimo programa de contraturno para crianças e adolescentes de 4 a 13 anos. Um exemplo é que em sua colônia de férias anual realiza uma gincana de arrecadação de alimentos. Tudo o que é doado pelos alunos é direcionado para instituições filantrópicas.

IATE IN CONCERT

O Iate in Concert, inaugurado em 2015 na gestão do comodoro Edison Garcia, uniu a solidariedade à celebração da música. O ingresso sempre foi uma cesta básica e, em nove edições, o evento já doou mais de 100 toneladas de alimentos. Em 2024, foram entregues 23 toneladas banco de alimentos do GDF e às instituições indicadas.

Clube filantrópico

O Iate é um clube feito por pessoas para pessoas, e a solidariedade é uma máxima presente na instituição criada a pedido do ex-presidente Juscelino Kubitschek. Sendo assim, para a edição de 2024 do Prêmio da Fenaclubes, o Iate produziu um vídeo para concorrer na categoria "Clube Filantrópico" e o resultado será divulgado no mês de novembro.



**ONE
SCHOOL**

Open to
New
Experiences

Excelência bilíngue que educa para a vida

Educação Infantil e Ensino Fundamental

Na ONE, a educação bilíngue de alta qualidade se une a um ambiente que promove o crescimento acadêmico e emocional das crianças. Com um currículo inovador e espaços criativos como o Ateliê e o Maker Space, preparamos estudantes para pensar além do convencional. Como parte da Casa Thomas Jefferson, oferecemos uma educação que conecta culturas e experiências, preparando as crianças para um mundo global e interconectado.



**RESERVE SUA VAGA PARA
ESTUDAR NA ONE EM 2025**

oneschool.org.br

[@oneschool.br](https://www.instagram.com/oneschool.br)



50+ MOTIVOS PARA SE MANTER EM MOVIMENTO

O Iate tem um programa voltado para sócios acima de 50 e, a partir dessa idade, se torna ainda mais importante se manter em movimento



O alto astral e bom humor são componentes que estão sempre presentes nas aulas do Viva+. A iniciativa do Emiate, em parceria com a Academia do Iate, promove a saúde física e mental de quem já passou dos 50 e nem é preciso de 50 motivos para seguir cuidando do bem-estar e mantendo a qualidade de vida.

A atual presidente do Emiate, Eliete de Pinho, ressalta: “O Viva Mais foi criado em 2005 pelo professor Sebastião Júnior e pela sócia Marlem Haddad (in memoriam). Sua família frequenta o Clube, bem como a filha Denise Haddad Rocha, o marido e filhos”.

Os exercícios coordenados por profissionais da Academia do Clube visam o fortalecimento dos principais grupos musculares, além de reforçar a mobilidade e flexibilidade de cada participante. Durante a aula, o professor fica de olho em cada participante para que a orientação seja personalizada, afinal, cada corpo tem sua própria história e, muitas vezes, suas limitações e superações.

Antes de começar a aula de fato, os alunos têm a oportunidade de colocar o papo em dia e como a turma do Viva+ é animada, eles comemoram os aniversariantes do mês e compartilham experiências fora da aula.

Cada um pega um colchonete, escolhe um local e aguarda a música que sinaliza o início da atividade. Como princípio, nada melhor do que alongar o corpo para prepará-lo para os exercícios subsequentes.

As aulas buscam equilibrar o trabalho nos grupos musculares, fortalecendo costas, abdômen, pernas e braços. Além dos cuidados com a saúde, é preciso cuidar do corpo para evitar quedas e reduzir as dores que aparecem com o avanço da idade.

Ao fim da aula, nos rostos suados, é possível também ver os sorrisos de satisfação por ter cumprido mais um dia de atividade física, que guarda a superação e a motivação para continuar em movimento.

Imaculada Mantovani conta que o programa apareceu como uma atividade inesperada: “Além da amizade que surge entre os participantes, é tudo muito divertido, e é isso que o idoso precisa”. E quando perguntada o que mudou após começar a frequentar o Viva+, ela é enfática: “A gente nunca deixa de vir”. Para Kátia Regina Carmona, a aula faz com que o dia renda mais: “Aqui é outra conversa: além do físico, tem o social, e eu acho bem legal”.

Já para Paulo César Siqueira Birbeire, conselheiro do Clube, as aulas do Viva+ são um espetáculo para qualquer um que tenha um pouco mais de 18 anos. Ele ainda faz questão de dizer que a atividade traz um outro ânimo para a vida: “Os professores são muito bons, a aula atrai muita gente, faz sucesso e espero que os colegas do Iate frequentem. Eles não vão se arrepender”.





IATE CLUBE DE BRASÍLIA: UMA FÁBRICA DE CAMPEÕES

Reconhecido nacionalmente como um clube formador de atletas, o Iate tem a honra de ser representado por jovens promissores na busca por medalhas e troféus em torneios nacionais e internacionais.

Para a presente matéria fizemos uma escalação dourada, com jovens promissores que representam uma geração e que mostra o potencial de atletas brasileiros em modalidades olímpicas. Imaginar que um deles poderá estar em Los Angeles, em 2028, ou em Brisbane, em 2032, pode sim ser um sonho possível.

FÁBRICA DE CAMPEÕES

RENATO LUNETTA

Ele apareceu como uma grande promessa e ao deixar a classe Optimist, Renato Lunetta, na classe ILCA 4, simplesmente venceu com sobra o CBI de Vela - 30a Copa da Juventude, garantindo vaga para o Mundial da Juventude realizado na Itália, no Lago de La Guardia.

Na Itália, ele enfrentou adversários do mundo inteiro e em condições diferentes de prova. Navegando em novas águas, Renato venceu uma das regatas do campeonato e voltou para casa ainda mais confiante das metas e do que ainda está por vir no horizonte.

Mantendo o status de promissor, Lunetta sabe quão difícil é equilibrar a vida com 15 anos e se dividir entre ser atleta, adolescente e estudante. “A escola é super importante. Na minha última viagem acabei perdendo duas provas e agora tenho que dar um gás nos estudos. O Iate me ajudou nisso, mandando mensagem para a escola falando sobre o campeonato”, disse.

Quando chegou ao Iate, Renato Lunetta teve à disposição nomes importantes do esporte, como Ricardo Paranhos, o Canela, técnico da seleção brasileira na classe 470, e Felipe Rondina, campeão mundial na classe J70. “Todo mundo tem uma baita bagagem, são velejadores excelentes”, afirma. E o jovem conseguiu e segue ouvindo os conselhos de quem já trilhou o caminho que ele agora veleja.

“O Iate me deu o barco da classe optimist; depois, o laser para treinar e correr campeonatos, e eu recebo o apoio do auxílio viagem, com os barcos, com o transporte dos barcos e o técnico”, pontua Lunetta.

No horizonte do jovem velejador está o desafio de disputar o campeonato brasileiro para tentar se classificar mais uma vez para o Mundial da Juventude, onde os melhores atletas jovens do mundo se encontram.



FÁBRICA DE CAMPEÕES

MATHEUS FRABETTI

Aos 15 anos, Matheus Frabetti tem o reconhecimento do presidente da Federação Brasileira de Squash. Tranquilo, ele ainda carrega no bolso o fato de ser o número 1 do país, na categoria Sub-17.

Vencedor, medalhista e escalado para a seleção brasileira, Frabetti começou nas quadras com 6 anos de idade e, de lá para cá, a paixão pelo esporte se consolidou. A modalidade foi um amor transmitido pelos pais ao filho, isso não se pode negar. A mãe, Silvia Frabetti, se desdobra para conseguir acompanhar e apoiar Matheus nas competições.

Orgulhosa, ela se emociona ao ver o filho galgando novos degraus e revela que o grande sonho é proporcionar a Matheus uma chance de treinar no Egito, um dos países em que os atletas mais se destacam no esporte.

Recentemente, o jogador teve a chance de representar o Brasil no mundial da juventude do squash nos Estados Unidos. Matheus discorre sobre as diferenças de estrutura, a quantidade de quadra e como os americanos encaram o esporte. “Havia vários representantes de faculdades de lá. Aí eles ficam de olho nos atletas para conversar”, explica, complementando que o sonho de garantir uma vaga no ensino superior fora do país é uma de suas metas.

“É por causa do Iate que eu estou seguindo a minha jornada no squash. Minha mãe começou a jogar e chamou o resto da família e eu fui fazendo escolinha, pegando o gosto pelo esporte”, conta. Agora, Matheus não consegue se imaginar fazendo outra coisa que não seja rebatendo bolas e vencendo sets.



FÁBRICA DE CAMPEÕES

VITÓRIA VIEGAS

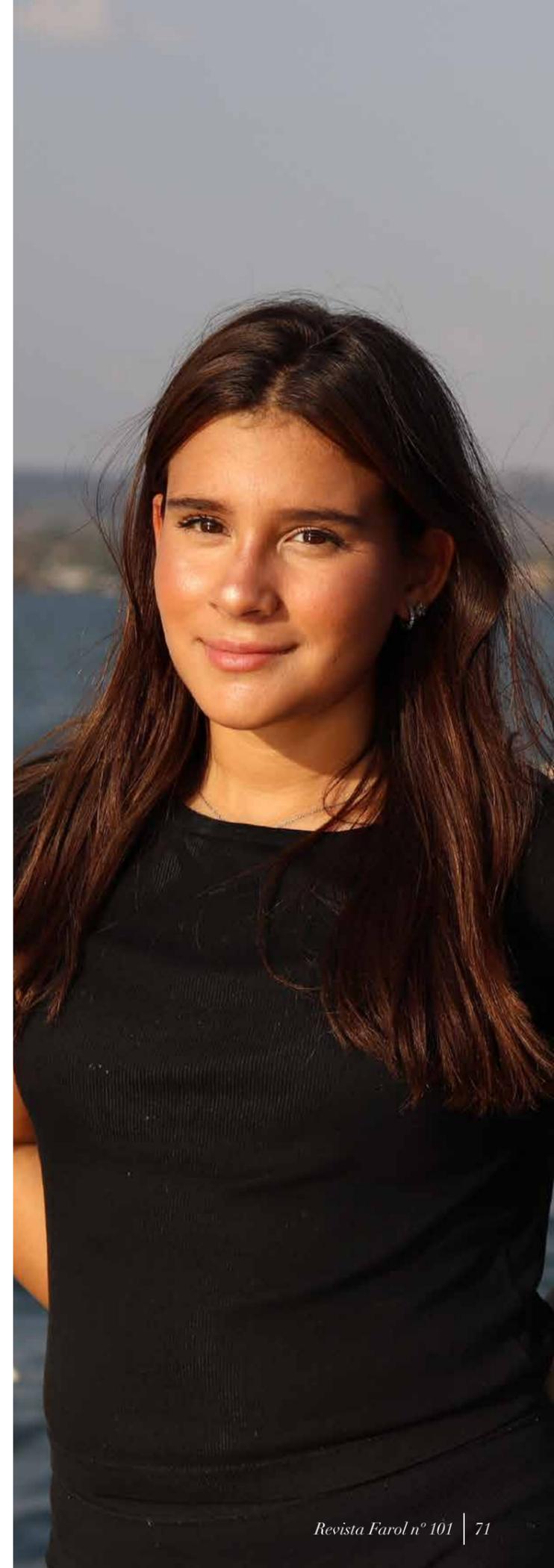
Campeã brasileira de Optimist, a velejadora Vitória Viegas é um nome conhecido dentro do Iate. Neta de um dos fundadores e filha do atual vice-diretor de vela do Clube, a adolescente de 15 anos conhece bem o apoio e a pressão que vem da própria casa. Por outro lado, a velejadora aprendeu a lidar com o fato do avô ser Aldeildo Viegas e o pai, Fred Viegas.

Argentina, Turquia, México e Dinamarca são alguns dos países em que Vitória já teve oportunidade de participar de provas e colocar o barco na água. As experiências com outros países e lidar com a diferença de cultura e idiomas são pré-requisitos importantes que precisam ser dominados pelos jovens atletas, e a velejadora aproveita as chances de conhecer outros locais graças ao esporte.

O apoio emocional e técnico que Vitória encontrou no Iate é o vento bom que ela precisa para sonhar com novas conquistas. “O Clube sempre teve técnicos muito bons”, afirma, e a velejadora compartilha uma ideia que se vê na prática: bons atletas de hoje se tornam bons técnicos no futuro.

Neste ano, Vitória Viegas mudou de classe, passou do Optimist para 29er, um barco totalmente diferente, mais rápido e que exige da velejadora reaprender a velejar. Mas mesmo com os novos desafios, ela confessa: “É muito gostoso de velejar”.

Além do apoio do Clube, Vitória descobriu um grande amigo entre uma regata e outra: Renato Lunetta. “Ele é uma pessoa de ouro e viramos amigos com o incentivo dos técnicos”. Dois atletas e dois adolescentes que estão descobrindo o que é ser adolescente, sem esquecer dos sonhos dourados e, claro, dos livros. “A gente acaba se entendendo em tudo”, relata.



FÁBRICA DE CAMPEÕES

GUTO MIGUEL

Imagine só fechar um contrato com uma das maiores patrocinadoras esportivas do mundo e conseguir se classificar para a etapa de Roland Garros, versão juvenil? Imaginou?

Quem conhece um pouco de tênis sabe o quanto vale essas conquistas, e Luis Augusto Miguel, o Guto, com apenas 15 anos, conseguiu ainda mais. Neste ano, em duas semanas, ele venceu os dois primeiros ITF da carreira, campeonatos internacionais organizados pela Federação Internacional de Tênis.

“Foram duas semanas de êxito e, como eu falei com os meus treinadores, fiquei muito feliz com os resultados e consegui alcançar o novo objetivo, que é jogar o quali do US Open. Eu estou muito feliz por isso”, comemora o tenista.

Treinado por Santos Dumont e Kike Granjeiro, o talentoso tenista mantém o “pé no chão”, e sabe que só com muita dedicação e disciplina poderá ter mais sonhos dourados. “Eu tenho uma ligação muito boa com o Dumont, acho que a gente sabe ter o momento do trabalho sério e das brincadeiras, acho muito produtivo”, avalia.

Com a agenda recheada de viagens, Guto diz que é preciso se acostumar com o ritmo do circuito. “Cada dia um lugar diferente: uma semana na Colômbia, daqui a pouco, nos Estados Unidos, e eu acho que estou me acostumando muito bem”.

Treinando nas quadras do Clube, com o suporte de um dos treinadores mais reverenciados do país, Guto Miguel elogia as estruturas do Iate. “É espetacular! Primeiramente, me ajuda muito com a estrutura que oferece; as quadras são muito boas, tem a academia, a pista de corrida, posso trabalhar o físico, fora a ajuda de custo que o Clube oferece aos atletas”, argumenta.



FÁBRICA DE CAMPEÕES

SOFIA ROCHA

Um dia alguém decidiu colocar uma vela em uma prancha e eis que nasceu a classe IQFoil. Claro, a história real deve ter sido muito maior do que uma simples frase, mas é com esse conceito que entramos na história da nossa próxima personagem.

Tranquila e apaixonada pelo esporte, Sofia Rocha começou aos 7 anos a velejar por influência da irmã, que, mais tarde, a incentivou a começar a se aventurar primeiro no windsurf e, depois, na classe olímpica IQFoil.

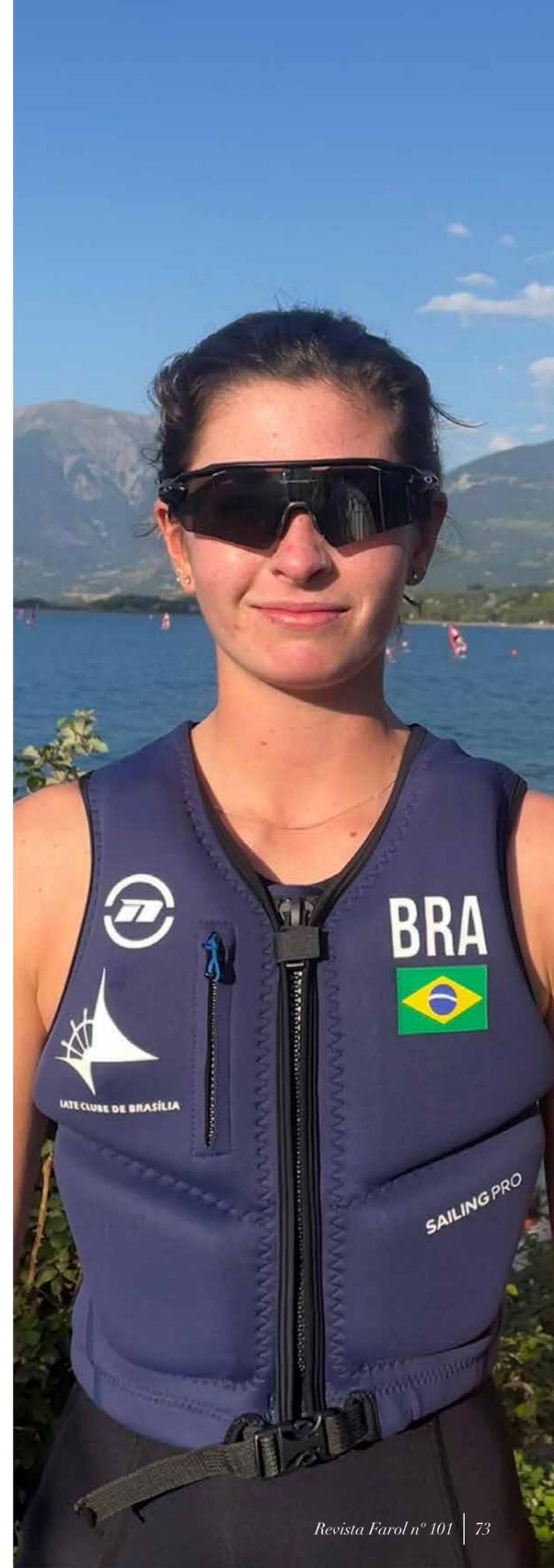
E a combinação “Sofia e IQFoil” é extremamente vencedora. A atleta pôde velejar em diversas águas e ela não só coleciona torneios disputados, mas coleciona títulos, medalhas e troféus. A conquista mais relevante do currículo? “Quando eu venci o meu bicampeonato Sulamericano, sub-19”, conta.

Campeã brasileira, da Copa da Juventude e do Sul-Americano, isso só para citar alguns títulos. Em 2024, durante o CBI de Vela - 30ª Copa da Juventude, realizado em fevereiro no Iate Clube de Brasília, a velejadora venceu na categoria feminina e, na geral, ninguém conseguiu ser mais rápida do que ela.

Mesmo sem saber exatamente o que o futuro a aguarda, Sofia comemora o fato de ver como evoluiu e se sente mais competitiva. “Quando eu fui para o último campeonato na Europa, percebi o quanto tinha evoluído, conseguindo andar junto com as meninas da Europa. Foi bem legal”, destaca.

Por isso, o foco está nos treinos e em manter a curva de aprendizado e evolução técnica em alta. Nesse semestre, a velejadora tem uma agenda que inclui os estudos na faculdade, os treinos na água, duas vezes na semana, e os treinos físicos.

Representante Iatista nas competições em volta do mundo, Sofia Rocha conta como o Clube impacta em sua vida. “O Iate faz parte da minha formação mais como suporte financeiro, já que não estou morando em Brasília. Então o Clube me fornece ajuda de custo, com as viagens e os equipamentos”, conta.



FÁBRICA DE CAMPEÕES

BRENO RAMOS

Jovem e firme, Breno Ramos é mais um dos atletas da Escolinha de Vela do Iate que vem se destacando nos últimos anos. Com 14 anos, o adolescente começou a velejar por influência do irmão e hoje está de olho no que o horizonte pode trazer a ele.

Velejando em águas nacionais e internacionais, como Argentina, Peru e Porto Rico, o atleta narra que a conquista mais especial foi no Sul-Americano, disputado no Rio de Janeiro, em 2022, quando garantiu a medalha de bronze no brasileiro. Ele descreve as diferenças em velejar no Lago Paranoá e em mar aberto: “É bem diferente; o vento lá [no mar] é mais forte. Outra coisa que aqui em Brasília não tem é maré”.

Nos dias de hoje, Breno se equilibra entre as demandas do colégio e do esporte, mas garante que está conseguindo tirar de letra essa rotina. “A escola é normalmente puxada, especialmente quando eu volto de campeonato, pois daí eu preciso estudar mais e pegar os conteúdos para deixar as coisas em dia para seguir treinando depois”.

Dentro do Iate Clube, o atleta tem a oportunidade de conviver com o campeão mundial na classe J70, Felipe Rondina, além de contar com as orientações de Gabriel Raulino nos treinos semanais. “Aprendemos muito com eles, e eles ajudam bastante. Essa convivência com esses velejadores nos ajudam, pois podem nos passar dicas preciosas”, disse. Falando em treinamento, o jovem vai para água quatro vezes por semana, de quinta à domingo.

O Clube ocupa papel de relevância na jornada de Breno ao oferecer os equipamentos como o barco e auxílio nas viagens, além de colocar à disposição técnicos altamente qualificados.

O grande objetivo é disputar o mundial da classe Optimist. Para chegar lá, Breno Ramos ainda precisa garantir classificação no campeonato brasileiro, previsto para janeiro de 2025.



Prepare o seu filho para o mundo com a educação da **Escola Canadense de Brasília**



Por meio de um ensino bilíngue e metodologia IB, fazemos parte da comunidade global na qual alunos e educadores evoluem juntos.

Incentivamos o desenvolvimento de habilidades e talentos únicos, preparando cada aluno para atingir seu máximo potencial. Além disso, contamos com uma abordagem multicultural que abre portas para oportunidades em todo o mundo, preparando cidadãos globais.



SELO IB: GARANTIA DE UMA EDUCAÇÃO INTERNACIONAL DE EXCELÊNCIA

- 🌟 **PROJETOS SOCIAIS**
- 🌟 **INTERCÂMBIO EDUCACIONAL COM O CANADÁ**
- 🌟 **EXTRACURRICULAR (CLUBS, FULL TIME PROGRAM, CANADIAN CAMP, MONITORIA).**
- 🌟 **DUPLA CERTIFICAÇÃO DE ALTA PERFORMANCE NO ENSINO MÉDIO**



Garanta o futuro do seu filho em uma escola que valoriza o crescimento integral e a excelência acadêmica!



VOCE SABIA?

ENTENDA A DIFERENÇA ENTRE ESPORTISTA E ATLETA



A peteca é uma das modalidades que reúne muitos esportistas no Iate

Quadras de areia, ginásios, espaços para a prática de 17 modalidades: o Iate Clube é um local em que esportistas e atletas se encontram e andam juntos e misturados. No entanto, qual seria a diferença entre um e outro?

Quem nos ajuda a encontrar as respostas é o professor Fabio Vieira, especialista em Fisiologia do Exercício Físico, Mestre em Educação Física, Doutor em Ciências do Movimento Humano e Pós-Doutor em Neurociências.

Os termos podem aparecer como sinônimos, entretanto, na prática, o significado é bem diferente. Os dois compartilham a paixão pelo esporte, mas as diferenças começam a aparecer ao olhar as abordagens, a dedicação, as metas e as mentalidades.

Nos torneios de tênis de mesa do Clube, os competidores, amadores ou esportistas têm a chance de encontrar com Iranildo Espíndola, medalhista paralímpico e atleta do Iate Clube de Brasília.



FINALIDADES

Se você visa saúde, bem-estar e entretenimento, provavelmente você será um esportista. Nessa categoria, a prática esportiva é encarada como uma forma de lazer, uma válvula de escape do estresse cotidiano. O esportista pode até disputar e colecionar troféus e medalhas, contudo, o sonho de ser escalado para a seleção brasileira ou jogar uma Olimpíada não é uma meta real.

QUEM SÃO OS ATLETAS?

O atleta pode ser conceituado em três tipos: amador, competitivo e o de elite ou profissional. Dos três, apenas o profissional é aquele que recebe um retorno financeiro, proveniente de patrocínios, acordos comerciais ou premiações.

O atleta de elite segue programas rígidos de treinamento, com a alimentação balanceada e, geralmente, conta com uma equipe multidisciplinar, como médico, fisioterapeuta e pessoal. Alguns ainda requerem a presença de

psicólogos para manter a saúde mental em dia. Todas as ações dessa categoria de atleta tem uma meta clara: a busca pela perfeição, pela superação e pelo desempenho de uma alta performance esportiva.

PRÁTICAS E HÁBITOS DE UM ATLETA

O esporte é a grande estrela na vida de um atleta, que, muitas vezes, começa a praticar ainda na infância. O treinamento exaustivo, a disciplina rigorosa e o sacrifício pessoal são partes integrantes de sua rotina. Os atletas olímpicos representam o ápice dessa dedicação. Eles não apenas participam de competições; eles vivem para vencer.

Cada ação de um atleta é medida minuciosamente. A preocupação com as horas de sono, os treinos e as refeições, tudo isso é feito para otimizar o desempenho nas quadras ou nos campos.

UMA CARTA DE AMOR AO IATE CLUBE



Mais de 9 mil quilômetros separaram o Sudão do Brasil, mas uma bola quebrou a distância, as barreiras linguísticas, e permitiu um certo sudanês viver momentos prazerosos em um país estrangeiro.

Depois de um período no país e vivenciando os finais de semana no Iate Clube de Brasília, o diplomata Mohammed Elrashed Sidahmed deixou uma bela carta de amor aos novos amigos e à instituição que faz parte da história da capital federal. Leia a seguir!

Em primeiro lugar, espero que vocês não pensem que estas minhas palavras são uma questão de protocolo ou cortesia, em tais ocasiões. A verdade é que cada palavra que eu disser virá do meu coração, e também sei que vocês a ouvirão em seus corações.

Não estamos unidos por interesses ou trabalho, mas estamos unidos pelo nosso amor e [nossa] paixão pelo futebol. Digo-vos com toda a sinceridade. Foram vocês que tornaram a minha estadia no Brasil mais do que maravilhosa.

Sempre tive saudades do meu país e da minha família, mas vocês compensaram nos sábados que foram meus melhores dias, pois contava as horas e os momentos para nos encontrarmos. Nossas pernas brigaram pela bola, mas nossos corações se abraçaram por amor.

As barreiras linguísticas impediram que nos aproximássemos mais. Nossas línguas não conseguiam falar, mas as palavras de nossos corações eram sinceras, puras e cheias de amor. Conheci o Brasil por meio do futebol, e o mundo inteiro conhece isso, mas descobri que o verdadeiro tesouro do Brasil é vocês, o povo.

Vocês são honestos e amorosos. Gostei de compartilhar com vocês muitas coisas, suas ocasiões conjuntas e encontros amigáveis, e como eu desejava realizar muitos churrascos para que pudéssemos curtir juntos e rir juntos, mas vocês sabem que a maldita guerra que estourou no meu país, Sudão, nos roubou muitos momentos lindos, e vocês foram um remédio que aliviou a dor da guerra para nós.

Um fato importante que vocês devem saber: as reuniões dos presidentes, as reuniões dos embaixadores e os convites dos ministros não serão minhas melhores lembranças aqui no Brasil. Tudo isso é apenas um trabalho rotineiro, mas as lembranças mais marcantes e maravilhosas serão deste seu grupo de amizade, que farei questão de acompanhar para ver quantos gols Dudu marcou e quantos gols Noblat errou.

Mohammed Elrashed Sidahmed



“**Nossas línguas não conseguiam falar, mas as palavras de nossos corações eram sinceras, puras e cheias de amor.**”

O Iate Clube tem um convênio com as embaixadas e isso possibilitou que Sidahmed entrasse em campo com os sócios, como explica o vice-diretor de futebol, Cesarino Alves Costa. “O Mohammed foi a convite de outro embaixador e aí começou a interagir com o grupo. Ele fez uns três churrascos para a gente”, relata.

Conversando com os jogadores da turma do futebol, todos foram unânimes em dizer que o embaixador entendia da brincadeira e que jogava muito bem. De acordo com eles também, só o churrasco que era um pouco exótico! “Ele [o embaixador] trazia cinco ou seis picanhas e 100 quilos de frango. E o corte do frango não era nada parecido com o nosso, ele cortava um pedaço do peito com a asa, e tinha pimenta”, detalha Costa.

E a equipe do Iate foi atrás do Dudu, citado na carta do embaixador. Ele até tentou negar, mas brincou e lembrou que Sidahmed não conseguia pronunciar o nome “Dudu”; ao invés disso, falava “Dodô”. E, é claro, ao se deparar com um artilheiro chamado Dodô, tornou-se impossível não perguntar se Dudu era como o Dodô do São Paulo. Como bom torcedor do Flamengo, Eduardo de Oliveira Andrade nega e reforça: “Dudu do Flamengo, ora!”

Dudu ainda revela que o embaixador, durante a passagem pelo Brasil, se tornou torcedor do Flamengo, mas nega que tenha alguma influência! “O time trouxe tanta felicidade no tempo que ele [embaixador] passou, foi campeão de tantos campeonatos que ele se tornou flamenguista”, brinca.



ASINHAS DE FRANGO GRELHADAS E CARMELIZADAS

A **Revista Farol** dá início a uma nova seção que vai aguçar seu paladar! A partir de agora, em cada edição, convidaremos chefs renomados, sócios do Clube e amantes da gastronomia para compartilharem suas receitas favoritas, permitindo que você, leitor, se torne o chef da sua própria experiência gastronômica.

Prepare-se para anotar a receita de hoje e aproveite para surpreender seus amigos e familiares no próximo churrasco no Iate. Não se esqueça de registrar esse momento especial e marcar o nosso perfil no Instagram (@iatebsb)! Para abrir com chave de ouro, trazemos uma receita do Glen Homer, que já conquistou a todos com seus churrascos irresistíveis. Vamos cozinhar?

INGREDIENTES

- 1 kg de asinhas de frango
- 1/4 de xícara de molho de soja (shoyu)
- 1/4 de xícara de mel
- 1/4 de xícara de ketchup
- 2 colheres de sopa de açúcar mascavo
- 2 colheres de sopa de vinagre de maçã (ou vinagre de arroz)
- 2 dentes de alho, picados
- 1 colher de chá de gengibre fresco ralado (opcional)
- 1 colher de chá de páprica defumada (opcional)
- 1 colher de sopa de azeite de oliva
- 1/2 colher de chá de pimenta-do-reino
- 1/4 de colher de chá de pimenta calabresa (opcional, se você gosta de um leve toque picante)
- Gergelim e cebolinha picada para decorar (opcional)

MODO DE PREPARO

1. Prepare as asinhas: Seque bem as asinhas de frango com papel-toalha. Isso ajuda a deixar a pele mais crocante e a marinada aderir melhor.
2. Faça a marinada: Em uma tigela, misture o molho de soja, mel, ketchup, açúcar mascavo, vinagre, alho, gengibre (se usar), páprica defumada, azeite, pimenta-do-reino e pimenta calabresa (se quiser um toque extra). Esse será o segredo para o sabor irresistível.
3. Marinar as asinhas: Despeje metade da marinada sobre as asinhas, reservando o restante para pincelar durante o preparo. Misture bem e deixe marinar na geladeira por pelo menos 1 hora, ou até durante a noite, para absorver ainda mais o sabor.
4. Preequeça a churrasqueira: Aqueça sua churrasqueira em fogo médio-alto (180-200°C). Se usar carvão, prepare para assar as asinhas de forma indireta, para evitar que queimem.
5. Grelhe as asinhas: Coloque as asinhas na grelha, longe do calor direto. Grelhe por 15-20 minutos, virando a cada 5 minutos, para garantir que cozinhem por igual e fiquem douradas.
6. Pincele o molho: Nos últimos 5 minutos, pincele as asinhas com a marinada reservada, virando-as até que fiquem caramelizadas.
7. Decore e sirva: Quando as asinhas estiverem prontas, retire da grelha e deixe descansar por alguns minutos. Se quiser dar um toque especial, decore com gergelim e cebolinha picada antes de servir.



LATE GRAM

Aqui, registramos as conquistas, a diversão e os encontros que fazem do Iate Clube de Brasília um verdadeiro oásis de experiências.

Confira os melhores cliques e reviva esses momentos inesquecíveis!

JK Iate Jazz Festival



A nona edição do Iate in Concert proporcionou uma noite de sonhos ao levar o público para o universo de musicais com dois artistas talentosos, Sara Sarres e Saulo Vasconcelos, que estiveram acompanhados da brilhante Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Claudio Santoro. Mais de três mil pessoas prestigiaram o evento, que valoriza a cultura aliada à solidariedade.

Na agenda esportiva, o Iate realizou regatas emocionantes, como o Brasileiro de Ranger 22, Brasileiro da classe Finn e a Regata Comodoro. Com o CBI de Tênis, o Clube recebeu os jovens talentos brasileiros da modalidade, e os Iatistas deram um show.

Outras modalidades também movimentaram as estruturas do Iate, como o 18º Open de Squash e o Torneio Interno de Tênis de Mesa.

Reveja os momentos nas próximas páginas e se prepare, pois a agenda do Clube ainda guarda mais surpresas!



Regata Comodoro





Campeonato Brasileiro da Classe Finn



Aniversário do Ciate - Dia dos Pais



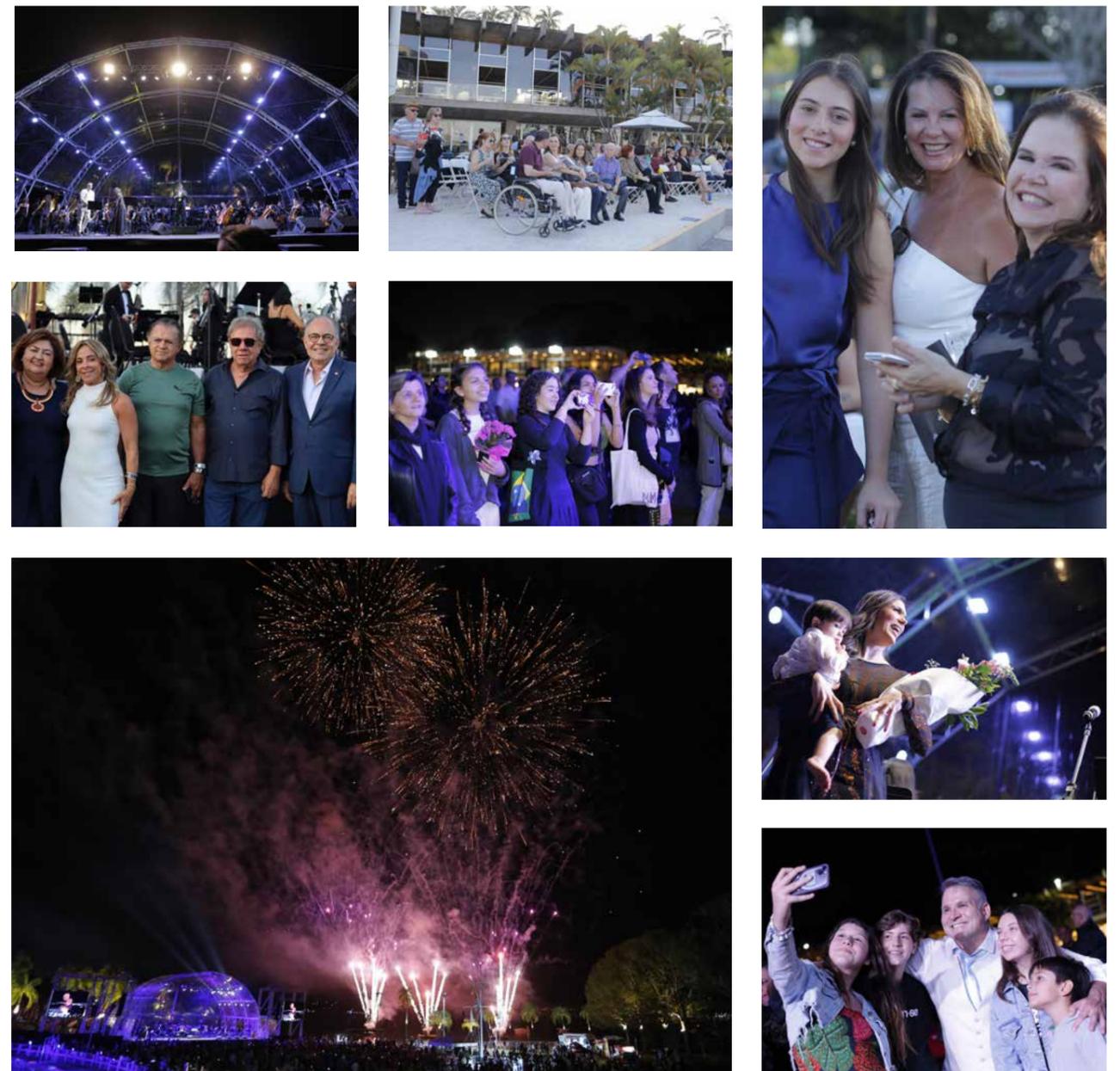
Almoço - IX Iate In Concert



IX Iate In Concert



Claudio Abrantes, secretário de Cultura do DF, e Edson Garcia, presidente do Conselho Deliberativo e ex-comodoro do Iate.





Superliga Vôlei Master

A primeira Superliga de Vôlei Master realizada pela Confederação Brasileira de Vôlei ocorreu em Brasília, nos dias 6 e 7 de setembro. O Iate Clube recebeu jogos eletrizantes das diversas categorias da competição.



Campeonato Brasileiro de Ranger 22



Aulão de Cross



Feira da praça 13





CBI de Tênis

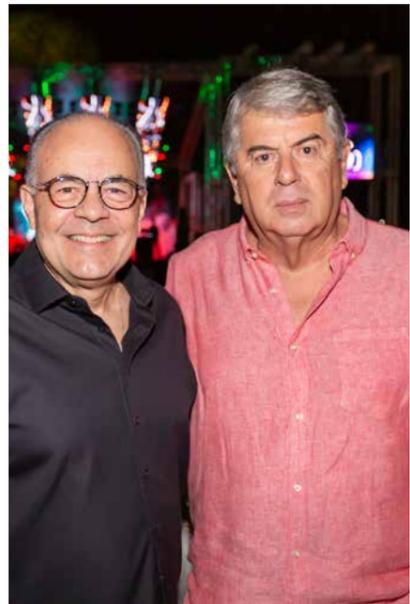


Torneio Interno de Tênis de Mesa



18º Open de Squash





CALENDÁRIO DE EVENTOS

SETEMBRO

- 26/09** 2º Campeonato Brasileiro e teste de nívelamento de Patinação
- 28-29/09** 3º Etapa do Ranking DF da classe Optimist
- 28-29/09** Copa Carlos Aviz da classe Finn
- 28/09** Festival da Escola de Natação do late
- 29/09** Feira da Praça 13
- 29/09** Century e Ladies Open de Tênis

OUTUBRO

- 03/10** Encontro Literário
- 05/10** 3º Etapa do Ranking do DF da Classe Optimist
- 05/10** Copa Carlos Aviz da classe Finn
- 05/10** Festival da Escola de Natação do late
- 05-06/10** Supercopa dos Campeões de Truco
- 06/10** Copa Brasiliense Ciclo IV de Tênis de Mesa
- 06/10** 3º Etapa do Ranking do DF da Classe Optimist
- 06/10** Copa Carlos Aviz da classe Finn
- 10/10** Lançamento de Livro
- 12/10** Dia das Crianças
- 12/10** Workshop de Marmorização
- 16/10** Confraria de Vinhos
- 18/10** Festival de Tênis
- 19/10** Workshop Chapéu
- 19-20/10** Taça Xangô - Patrono da Flotilha 516 da classe Snipe
- 23/10** Dia dos Professores
- 25/10** Oficina de Artes Halloween
- 25/10** Jantar Dançante do Emiate
- 26/10** 2º Torneio de Vôlei de Praia
- 27/10** 2º Torneio de Vôlei de Praia
- 28/10** Circuito Interno de Tênis – 3ª Etapa

**Os respectivos eventos podem sofrer alterações de data sem aviso prévio. Siga as nossas redes sociais para possíveis atualizações (@iatebsb).*

NOVEMBRO

- 01/11** Festival de Capoeira
- 02-03/11** Clínica de Tênis de Mesa
- 04/11** Torneio Interno de Beach Tennis
- 05/11** Torneio de Sinuca da República
- 07/11** Encontro literário
- 08/11** Festival de Futsal
- 08/11** Oficina Halloween
- 15/11** late Cup 2024 - Vôlei de Quadra
- 15-16/11** Campeonato Brasileiro de Vela Adaptada
- 16/11** Gincana e Acampamento da EDN
- 16/11** Noite dos Campeões do Judô
- 17/11** Campeonato Brasileiro de Vela Adaptada
- 17/11** Gincana e Acampamento da EDN
- 23/11** Espetáculo de dança
- 23/11** III Torneio Integração de Beach Tennis Kids e Teens
- 23-24/11** Torneio Clandestino da classe Finn
- 28-29/11** Show de Patinação Artística
- 29/11** Confraternização Interclubes Beach Tennis
- 30/11** Torneio Clandestino da classe Finn

DEZEMBRO

- 01/12** Torneio Clandestino da classe Finn
- 01/12** Festival de Encerramento de Basquete 2024
- 05/12** Aniversariantes do Emiate
- 05/12** Encontro Literário
- 07/12** Natal das Crianças
- 07/12** Festival de Encerramento de Futsal 2024
- 13/12** Encerramento das atividades do Emiate
- 14/12** Torneio de fim de ano do Futevôlei
- 22/12** Cantata de Natal

vivo

A VIVO PULSA NO CORAÇÃO DO BRASIL



O Centro-Oeste não para de crescer e a Vivo acelera junto, com a melhor rede móvel e o Wi-Fi mais rápido do país.



O espresso perfeito é feito *de detalhes*

O AROMA É UMA PEQUENA
MARAVILHA DA NATUREZA

A CADA GOLE VOCÊ TEM A
SENSAÇÃO DE ESTAR NO PARAÍSO

SUA CREMA É UM
CONVITE AO PRAZER

A GARANTIA DE QUALIDADE
DO MELHOR CAFÉ DE BRASÍLIA

DEPOIS DE CONHECER SEU
SABOR VOCÊ ENTENDE PORQUE
TODA BOCA TEM UM CÉU



Para cada história uma boa harmonização